

**A ARTE DE
TECER A SI
MESMO**



Universidade Estadual de Santa Cruz

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

RUI COSTA - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

WALTER PINHEIRO - SECRETÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

ADÉLIA MARIA CARVALHO DE MELO PINHEIRO - REITORA

EVANDRO SENA FREIRE - VICE-REITOR

DIRETORA DA EDITUS

Rita Virginia Alves Santos Argollo

Conselho Editorial:

Rita Virginia Alves Santos Argollo – Presidente

Evandro Sena Freire

Luciana Sedano de Souza

Eduardo Lopes Piris

Lessí Inês Farias Pinheiro

Rita Jaqueline Nogueira Chiapetti

Jorge Henrique de Oliveira Sales

Guilhardes de Jesus Júnior

Alexandra Marselha Siqueira Pitolli

Josefa Sônia Pereira da Fonseca

Ricardo Matos Santana

Maria Luiza Silva Santos

Lurdes Bertol Rocha

Alexandra Marselha Siqueira Pitolli
(Organizadora)

A ARTE DE TECER A SI MESMO

memórias , reflexões e
formação docente

Ilhéus - Bahia



Editora da UESC

2018

©2018 by ALEXANDRA MARSELHA SIQUEIRA PITOLLI

Direitos desta edição reservados à
EDITUS - EDITORA DA UESC

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio,
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Depósito legal na Biblioteca Nacional,
conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

**PROJETO GRÁFICO,
CAPA E DIAGRAMAÇÃO**

Álvaro Coelho
Lária Farias Batista

REVISÃO

Roberto Santos de Carvalho

ILUSTRAÇÕES

freepik.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P681

Pitolli, Alexandra Marselha Siqueira

A arte de tecer a si mesmo: memórias, reflexões e formação
docente / Alexandra Marselha Siqueira Pitolli (org.). – Ilhéus,
BA: Editus, 2018.
102 p.: il.

Inclui referências.
ISBN: 978-85-7455-469-3

1. Professores – Formação. 2. Professores e alunos.
3. Didática (Ensino superior). 4. Ensino – Orientação
profissional. I. Título.

CDD 370.7

EDITUS - EDITORA DA UESC

Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Jorge Amado, km 16 - 45662-900 - Ilhéus, Bahia, Brasil
Tel.: (73) 3680-5028
www.uesc.br/editora
editus@uesc.br

EDITORA FILIADA À



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

SUMÁRIO

9

Apresentação

Alexandra Marselha Siqueira Pitolli

13

Ingresso na docência: caminhos de encontros e desencontros

Camile Barbosa Moraes

25

Memorial de uma professora sonhadora

Jacilene Silva de Melo

33

As tessituras da vida pessoal e profissional na formação docente

Karla Muniz Belém

41

Quem sou eu? Memórias e trajetórias de uma formação docente

Lorena Brito Góes Vieira

51

Memorial descritivo: caminhos percorridos na descoberta da profissão

Poliana Gonçalves Sousa

73

Memórias de uma professora estudante

Sandra Mabel Rosa dos Santos

85

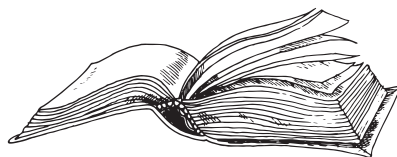
**A descoberta de uma profissão apaixonante:
narrativa autobiográfica de uma jovem professora**

Thaís Barbosa Moura

93

**Memórias de um professor: em tempo presente,
um olhar para o passado**

Wanderson Farias da Silva Alves



Apresentação

Este livro pretende divulgar um dos resultados de uma disciplina optativa, efetivada na segunda quinzena de agosto de 2016 (de forma condensada), ofertada por um curso de mestrado de uma universidade estadual baiana. A disciplina teve como uma das formas de avaliação, a escrita de um Memorial pelos alunos participantes; que agora publicado.

Houve oito alunos, todos licenciados, sendo seis alunos regulares do Programa; uma aluna especial com interesse em se voltar para os estudos e aprimorar sua formação; e uma aluna que, já no final de seu mestrado, optou por fazer a disciplina para compreender melhor seus próprios processos formativos, mesmo que já houvesse cumprido os créditos de seu curso.

A escrita de um Memorial implica um retorno ao passado e, no caso da disciplina que lhe deu origem, o intuito foi o de desenvolver um processo formativo que valorizasse os saberes e práticas que os alunos traziam consigo, na tentativa de contribuir para processos de reflexão sobre suas trajetórias e para o fortalecimento de suas identidades enquanto docentes em formação em um Programa de Pós-Graduação.

Outro objetivo da produção do Memorial foi o de estabelecer outros sentidos às memórias e aos processos formativos dos alunos e promover, em sala de aula, a discussão de aspectos relacionados às experiências dos estudantes, para quem são consideradas formativas.

Em momento de encontro na Universidade, os alunos foram orientados a considerá-lo como um gênero textual que representa, ao mesmo tempo, oportunidade para o desenvolvimento da escrita ao tomar a palavra para contar sua própria história e ser protagonista de seu processo formativo.

Cada Memorial aqui reunido contém, para além de uma descrição de fatos e acontecimentos, um repensar de algumas situações vivenciadas, seja como aluno ou como professor, que, analisadas com os olhos de agora, permitem repensar a prática e reconhecer momentos ímpares em sua formação.

Outra orientação da disciplina foi a de que os alunos deveriam, para a escrita do Memorial, articular os seguintes aspectos: a memória escolar e as influências da graduação na vida pessoal e profissional; o resgate de possíveis lembranças profissionais; o percurso para chegar ao mestrado e as perspectivas profissionais futuras.

Como instrumento de avaliação, o Memorial tinha como objetivo contribuir para suscitar reflexões sobre a história de vida de cada aluno, numa tentativa de oferecer-lhes a oportunidade de pensar sobre si mesmos no conjunto das relações que se estabelecem no processo de formação pessoal e profissional. Portanto, a escrita deste livro tem a intenção de compartilhar algumas das associações, articulações, descobertas, reflexões e possibilidades que os alunos tiveram e revelaram em seus textos, o que me permitiu compreender o Memorial como um instrumento pedagógico promotor de demandas reflexivas frente ao vivido e relacioná-lo com a atualidade.

As histórias contidas em cada Memorial estão inseridas no contexto social, político, institucional, passado e presente, e as influências desse contexto estão no processo formativo de cada um de seus autores.

Os textos aqui apresentados abordam temáticas relevantes para se pensar sobre a formação de professores (inicial e continuada), com destaque para as experiências que eles vivenciam em seus diversos períodos formativos, assim como as influências

de suas vidas pessoais e profissionais na construção de suas identidades docentes.

Desta forma, divulgá-los é uma maneira de colaborar com pesquisadores, professores e demais interessados, tanto nessa área de estudos como, sobretudo, na valorização das histórias de professores.

A escrita do Memorial viabilizou ressignificar o vivido e promover reflexões sobre as condições nas quais se produziram determinadas experiências vivenciadas em família, no espaço escolar, nas universidades pelas quais passaram.

Ele – Memorial – carrega diferentes formas culturais e distintos valores humanos, trazidos à tona pelas histórias de vida dos alunos participantes, tais como se apresentaram nos momentos em que foram vivenciados. Porém, a partir do desenvolvimento da disciplina, os alunos trouxeram um olhar novo sobre a situação vivida, possibilitando que se percebessem como parte integrante de uma profissão e capazes de contribuir para a construção de suas identidades como docentes.

Alexandra Marselha Siqueira Pitolli

Dr.^a em Educação/UFSCar

Prof.^a Adjunta do DCB/UESC

Área de Ensino de Biologia



Ingresso na docência: caminhos de encontros e desencontros

.....
Camile Barbosa Moraes
.....

O meu interesse pela docência iniciou-se na fase da adolescência, mais especificamente com 12 anos de idade, por influência da minha mãe que era professora dos anos iniciais em uma escola pública, em Ibirapitanga-Bahia. Durante essa fase, eu sempre a acompanhava na ministração das aulas na escola e auxiliava na correção de exercícios e avaliações dos alunos. Alguns autores (TARDIF; RAYMOND, 2000; NUNES, 2002) relatam que as experiências pessoais vivenciadas pelo indivíduo no convívio familiar ou ambiente escolar no período da infância e adolescência são apontadas como as principais fontes de influência no processo de opção pela docência.

Além disso, recordo-me que foi na adolescência que me tornei professora da classe infantil da Escola Bíblica Dominical, em uma igreja evangélica que eu congregava em Ubatã-Bahia. Posteriormente, ao completar 15 anos de idade, comecei a ministrar aulas de reforço escolar das disciplinas de Matemática e

Ciências para os meus vizinhos e colegas. Cabe salientar que todas essas experiências me motivavam ainda mais a seguir a profissão docente.

No entanto, os meus familiares não me apoiavam nessa decisão, pois afirmavam que era uma profissão desvalorizada, com baixa remuneração e jornada de trabalho excessiva. Os meus pais queriam que eu cursasse Direito, mas o meu sonho era ser professora. Nesse sentido, considero que este foi um dos primeiros dilemas que enfrentei em relação à docência.

De acordo com Santos (2005), a família exerce uma função muito importante na etapa em que os jovens estão escolhendo a profissão, podendo motivá-los ou desmotivá-los neste momento decisivo. Mas há também outros fatores envolvidos nesse processo que necessitam ser considerados, tais como: influência dos meios de comunicação de massa (televisão, jornal, internet, revistas etc.) e a influência dos amigos (PEREIRA; GARCIA, 2007).

Nessa perspectiva, podemos afirmar que a escolha pela profissão consiste em um processo complexo e fortemente influenciado pelo contexto social, histórico, político, cultural e econômico, no qual o sujeito encontra-se inserido. Durante este momento, os indivíduos podem ser motivados por uma diversidade de fatores, tanto extrínsecos (falta de melhores opções, empregabilidade, estabilidade financeira, possibilidade de transformação social, ingresso no mercado de trabalho, qualificação profissional) como intrínsecos (prazer pela profissão, gosto por ensinar, satisfação pessoal etc.).

No que tange às experiências vivenciadas durante a minha trajetória escolar, reconheço que tive professores que marcaram significativamente a minha vida. Dentre estes, destaco uma professora de Biologia que me influenciou bastante na minha escolha profissional, principalmente devido à forma dinâmica e lúdica com que ela ministrava os conteúdos, bem como pelo carinho que tinha com os alunos. Segundo Lippe e Bastos (2007), a admiração pela figura do professor no Ensino

Médio é um dos principais motivos que levam os indivíduos a ingressar em um curso de licenciatura. Sobre esta questão, Lopes e Júnior (2014) explicam que determinadas qualidades daqueles docentes “serão internalizadas pelos estudantes e, em algum momento, o resultado dessas interações influenciará no interesse pela docência” (LOPES; JÚNIOR, 2014, p. 133).

No que diz respeito a minha escolha profissional, acabei ingressando no curso de Bacharelado em Ciências Biológicas em uma universidade estadual baiana, com o intuito de não contrariar a vontade dos meus familiares. No decorrer do curso, conheci diferentes áreas de atuação do biólogo, por meio da participação em projetos de iniciação científica na área de Cultura de Tecidos, mas não me identifiquei com a área específica da Biologia.

Ao concluir a graduação, comecei a ministrar aulas de Ciências para o ensino fundamental II (6^a e 8^a ano) em uma escolar particular, durante o período de dois anos. Considero que essa experiência foi muito enriquecedora para minha vida pessoal e profissional, pois me possibilitou conhecer a realidade escolar e as dificuldades enfrentadas pelo professor no cotidiano da sala de aula.

A partir desta experiência profissional, senti a necessidade de aprofundar os conhecimentos acerca da docência, assim como entender a organização do trabalho escolar, aprender como se elabora um plano de aula e conhecer as diferentes metodologias de ensino. Então, resolvi cursar licenciatura em Ciências Biológicas na UESC, no período noturno. Tendo em vista que eu já tinha concluído o Bacharelado em Ciências Biológicas, consegui validar 50% das disciplinas obrigatórias, e cursar apenas as disciplinas pedagógicas.

Na graduação, mais especificamente durante a minha participação como bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto interdisciplinar Educação Especial, o qual estava vinculado aos cursos de Química e Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Santa

Cruz, em Ilhéus-BA, atuei como bolsista durante 1 ano e tive a oportunidade de estagiar no CIOMF (Centro Integrado Oscar Marinho Falcão), em Itabuna-BA, no qual é realizado Atendimento Educacional Especializado (AEE) de deficiência visual, auditiva e intelectual dos alunos que estão matriculados na escola regular. Neste período, tive a oportunidade de acompanhar momentos de discussão e planejamento das ações desenvolvidas na Sala de Recursos Multifuncionais (SRM).

Eram produzidas atividades específicas para o trabalho com o aluno surdo nas aulas de Biologia, na sala regular; elaborar materiais didáticos adaptados para alunos surdos e cegos, tais como modelos, jogos educativos, assim como conhecer os desafios enfrentados pelo professor da disciplina escolar Biologia na educação de alunos surdos. Esta experiência me instigou a desenvolver o Trabalho de Conclusão de Curso na área de Ensino de Biologia com o título *O papel do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência nas escolas estaduais do município de Ilhéus-Bahia: uma análise segundo a visão dos gestores e supervisores*.

Para discutir aspectos relacionados à carreira docente, é necessário considerar o processo de construção da identidade profissional do professor, visto que, ao longo de seu percurso de vida, este profissional entra em contato com um conjunto de fatores que contribuem para a sua compreensão sobre o “ser” e “tornar-se professor”. Partindo desse pressuposto, o docente pode ser entendido como um sujeito que constrói e mobiliza saberes na sua prática e estes saberes possibilitam-lhe “desenvolver-se como profissional, configurando e reconfigurando, contínua e situadamente, seu modo de ser e estar na profissão” (FARIAS. SALLES, BRAGA, 2008, p. 66).

No que diz respeito à identidade docente, Farias, Sales e Braga (2008) consideram que ela está intrinsecamente ligada às experiências de vida do indivíduo, sejam elas pessoais ou profissionais:

A identidade docente é uma construção para a qual contribuem diversos fatores, dentre eles a história de vida do professor, a formação vivenciada em sua trajetória profissional e o significado que cada professor confere à atividade docente no seu cotidiano com base em seus saberes, em suas angústias e anseios. Esses elementos são constituidores das maneiras como ele se faz e refaz, dialeticamente, como profissional (FARIAS; SALES; BRAGA, 2008, p. 60).

Estes autores prosseguem argumentando que os três aspectos constituintes da identidade profissional do professor (história de vida, formação e prática docente) são de grande importância para a profissionalização docente. Desse modo, essa identidade não é formada somente pelo exercício profissional, mas pelo conjunto de experiências vivenciadas pelo professor ao longo da vida, em diferentes contextos: pessoal, social, cultural, econômico, religioso; em outras palavras, pode-se dizer que este profissional recebe a influência do universo no qual se encontra imerso (FARIAS; SALES; BRAGA, 2008).

A partir das experiências singulares e de valiosos aprendizados vivenciados por mim durante o curso de graduação, pude compreender a importância de uma formação docente permanente e senti a necessidade de desenvolver-me profissionalmente. Dentre outros motivos, a fim de preencher algumas lacunas existentes na minha formação inicial, tais como falta de articulação entre a teoria e a prática, distanciamento entre a universidade e a Educação Básica, ausência de ações promotoras de reflexão crítica sobre a prática pedagógica durante os estágios curriculares supervisionados e demais disciplinas pedagógicas, assim como a carência de disciplinas e conteúdos que abordem discussões mais aprofundadas sobre algumas temáticas, como Educação Inclusiva, Relações Étnico-Raciais, Educação Ambiental, Gênero e Diversidade Sexual, Educação de Jovens e Adultos.

Dessa forma, penso que a formação docente necessita ser compreendida como um período de reflexão crítica sobre prática pedagógica, aprendizagem e ressignificações, e que não se restringe apenas a uma etapa de formação, mas a um processo contínuo de construção de identidade que se estende durante toda a trajetória profissional do indivíduo (NÓVOA, 1992; IMBERNÓN, 2009).

Vale ressaltar que foi neste período também que eu aprendi que o curso de formação inicial não iria atender a todas as necessidades formativas do futuro professor, ou seja, por mais que o licenciando participe ativamente de diferentes atividades e espaços formativos, tais como monitoria em projetos de extensão, bolsista de iniciação científica ou iniciação à docência, estágios supervisionados, ele sempre terá necessidade de adquirir novos conhecimentos sobre a sua profissão, refletir e repensar sua prática pedagógica.

Considero que foram estes aspectos supracitados que me instigaram a prosseguir os meus estudos na academia, por meio do mestrado acadêmico, com o intuito principal de buscar melhorias para minha prática docente na Educação Básica. Outro aspecto relevante é que reconheço que escolhi o mestrado pretendendo sanar algumas inquietações e desenvolver a dissertação de mestrado que busca analisar o perfil dos licenciandos em Ciências Biológicas da UESC e sua motivação pela docência na Educação Básica, evidenciando o papel da formação inicial neste processo. Tudo isto me fez adentrar territórios desconhecidos e desenvolver a minha dissertação.

No que tange às possibilidades formativas que o mestrado acadêmico me proporcionou, percebo que vivenciei diversas experiências bastante significativas para a minha trajetória pessoal, acadêmica e profissional. Dentre estas vivências, evidencio as marcantes e enriquecedoras contribuições das disciplinas obrigatórias e optativas cursadas, as quais me permitiram repensar minha concepção sobre a docência e desconstruir algumas imagens ingênuas que tinha sobre trabalho docente, natureza da Ciência, prática docente reflexiva.

Aprendi também a partilhar experiências e dificuldades enfrentadas no cotidiano da sala de aula, bem como a ter um novo olhar sobre a educação e sobre mim, enquanto pessoa, professora e pesquisadora. Dessa forma, observei que o professor, além de ser um profissional, é também um sujeito sociocultural, que tem uma história de vida, sendo dotado de crenças, ideias, saberes, experiências pré-profissionais, de sentimentos e emoções, que necessitam ser considerados ao analisarmos seus processos formativos e a sua atuação em sala de aula.

Após cursar as disciplinas no mestrado, compreendi que a formação docente é um processo complexo e multifacetado, e por essa razão precisa fundamentar-se nas dimensões pessoais e profissionais do indivíduo, compreendendo práticas formativas que priorizem a colaboração e a participação coletiva, por meio de discussões em grupos e troca de experiências entre pares.

Além disso, notei que a formação inicial de professores compreende diferentes espaços formativos de aprendizagem, construções e reconstruções, que não se limita somente a uma etapa de formação, mas a um processo contínuo de formação de identidade que se estende durante toda a trajetória profissional. Nessa perspectiva, torna-se necessário que o professor, durante a sua prática em sala de aula, realize uma análise sobre o que faz, pensa e sente, de modo que lhe seja possibilitada a apropriação de instrumentos que permitam a construção, mobilização e interlocução de saberes docentes.

Em relação a minha constituição como pesquisadora, percebo que tem ocorrido de forma processual e em distintos momentos do mestrado, os quais abrangem desde as reuniões com as minhas orientadoras, as disciplinas cursadas, as leituras e discussão de textos científicos no grupo de pesquisa, a escrita da dissertação, a coleta de dados com os participantes da pesquisa, a análise e discussão das informações obtidas, por meio da entrevista, do grupo focal e do questionário, e o exame de qualificação.

Eu realizei o meu exame de qualificação de mestrado em maio de 2016, e esta experiência me fez sentir mais confiante para dar prosseguimento a minha pesquisa e mais segura para expor minhas ideias, visto que as sugestões e contribuições das orientadoras e das professoras examinadoras foram preciosíssimas para aprimorar ainda mais os meus conhecimentos sobre narrativas autobiográficas e motivação dos futuros professores de Biologia pela docência.

No decorrer deste período, tive a oportunidade de participar e apresentar trabalhos em eventos científicos na área de Educação e Ensino de Ciências, o que me possibilitou o desenvolvimento da autonomia, troca de experiências com os professores e colegas e a construção de novos conhecimentos. Com todas essas experiências vivenciadas no mestrado, reconheço que estou inserida em um processo contínuo de construções, reconstruções e ressignificações sobre o trabalho docente.

Em relação a minha perspectiva profissional, após concluir o Mestrado em Educação em Ciências, pretendo cursar o Doutorado na área de Educação ou Ensino de Ciências, assim como atuar como professora de Ciências Naturais e Biologia na Educação Básica. Para tanto, farei concursos públicos para o cargo de docente nos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia ou nas secretarias de Educação de diferentes estados brasileiros.

Dessa forma, reconheço que vou me constituindo enquanto professora por meio das relações que estabeleço com o mundo físico e social, visto que cada professor tem

[...] uma história de vida, é um ator social, tem emoções, um corpo, poderes, uma personalidade, uma cultura, ou mesmo culturas, e seus pensamentos e ações carregam as marcas dos contextos nos quais se insere (TARDIF, 2000, p. 15).

Neste aspecto, acredito que sou uma professora formada, parcialmente, pelos valores da minha profissão e por outros

valores e aprendizagens provenientes do contexto político, econômico e cultural de onde cresci e me desenvolvi.

Nesse cenário, entendo que narrar acerca de aspectos referentes a minha constituição enquanto professora envolveu uma diversidade de sentimentos, emoções e múltiplas representações, reverberando, por sua vez, traços de anseios, tensões, conflitos, motivações, superações e expectativas em relação à carreira docente. Dessa forma, a narrativa autobiográfica caracteriza-se como um relevante apoio teórico-metodológico no qual o docente, ao refletir sobre sua vida, vai atribuindo a ela novos sentidos, prevendo transformações na sua prática.

Em linhas gerais, consiste em unir as dimensões pessoal e profissional do sujeito, que delas foi fastado, não mais dissociando vida e trabalho (KRAMER, 1998). Outros autores mencionam ainda que as narrativas podem exibir três tipos de potencialidades, sendo elas: processo de investigação em educação, processo de reflexão pedagógica e processo de formação (GALVÃO, 2005; GASTAL et al., 2010). De acordo com Gastal et al. (2010),

a produção da narrativa permite emergir aspectos da subjetividade que, à medida que dão sentido à experiência vivida, contribuem para a formação do professor; o ato de contar para outro proporciona a reconstrução da experiência formativa do autor e contribui para sua autocompreensão; narrar em primeira pessoa dá abertura para emergência de aspectos criativos e reflexivos; com isso, o ato de narrar tem repercussões sobre a qualidade da reflexão desenvolvida (GASTAL et al., 2010, p. 1253).

Assim, observamos que o uso desta estratégia de investigação na formação docente possibilita que o autor tenha um maior conhecimento de si, pense sobre como suas ações comprometem o próximo e comece a ter um maior entendimento acerca das suas limitações pessoais e possa repensar formas de atuar.

REFERÊNCIAS

- FARIAS, I. M. S. de; SALES, J. de O. C. B.; BRAGA, M. M. S. de C. B.; **Didática e Docência**: aprendendo a profissão. Fortaleza: Liber Livro, 2008.
- FRANÇA, M. do S. L. M. Identidade e fazer docente: aprendendo a ser e estar na profissão. In: _____. **Didática e Docência**: aprendendo a profissão. Fortaleza: Realce Editora & Indústria Gráfica Ltda., 2008.
- GALVÃO, C. Narrativas em educação. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 11, n. 2, p. 327-345, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v11n2/12.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2016.
- GASTAL, M. L. de A.; AVANZI, M. R.; ZANCUL, M. de S.; GUIMARÃES, Z. F. S. Da montanha à planície: narrativas e formação de professores de ciências e biologia. **Revista da SBEnBIO**, São Paulo, v. 3, p. 1252-1260, 2010.
- IMBERNÓN, F. **Formação permanente do Professorado**: novas tendências. São Paulo: Cortez, 2009.
- KRAMER, S. Leitura e escrita de professores. Da prática de pesquisa à prática de formação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 7. 1998. Disponível em: <http://anped.tempsite.ws/novo_portal/rbe/rbedigital/RBDE07/RBDE07_04_SONIA_KRAMER.pdf>. Acesso em: 17 out. 2016.
- LIPPE, E. M. O.; BASTOS, F. Formação inicial de professores de biologia: Fatores que influenciam o interesse pela carreira do magistério. **VI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**, Florianópolis. Anais. Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências. 2007.

LOPES, J. G. da S.; JÚNIOR, L. A. S. Estudo e caracterização do pensamento docente espontâneo de ingressantes de um curso de licenciatura em química. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 16, n. 1, p. 131-148, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epec/v16n1/1983-2117-epec-16-01-00131.pdf>>. Acesso em: 02 ago. 2016.

NÓVOA, A. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

NUNES, J. B. C. **Aprendendo a ensinar**: Um estudo desde a perspectiva da socialização docente. ANPEd, 25, 2002. Disponível em <http://www.anped.gov.br>. Acesso em: 03 out. 2016.

PEREIRA, F. N.; GARCIA, A. Amizade e escolha profissional: Influência ou cooperação?, São Paulo, **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 8, n.1, p. 71 – 86. 2007. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbop/v8n1/v8n1a07.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2016.

SANTOS, L. M. M. dos. O papel da família e dos pares na escolha profissional. **Psicologia em estudo**, Maringá, v.10. n. 1, 2005. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 04 mar. 2016.

TARDIF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. **Revista Brasileira de Educação**. ANPED, São Paulo, n. 13, p. 5-24, jan./abr. 2000. Disponível em: <http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE13/RBDE13_05_MAUERICE_TARDIF.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2016.

TARDIF, M.; RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 21, n. 73, p. 209-244. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v21n73/4214.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2016.



Memorial de uma professora sonhadora

.....
Jacilene Silva de Melo
.....

Considerações Iniciais

Todo ser humano tem uma história de vida, e cada um tem uma maneira particular de falar sobre sua trajetória: escolhe o tempo, os espaços, opta pelos acontecimentos mais importantes/marcantes e descarta aquilo que não teve significância.

Neste memorial, optei por descrever minha trajetória de vida e de docente; embora recém-formada e com pouca experiência, minha trajetória de vida tem relação direta com a escolha da profissão. Escrevo aqui o alicerce da minha formação, o que me constituiu como pessoa e que, indiretamente, me deixa entusiasmada a narrar meu percurso profissional. Como nos diz Brito (2010, p. 56), narrar nossas histórias é, portanto, um modo de dar a nós mesmos uma identidade.

Conjuntura familiar

A escolha pela profissão docente foi feita desde a infância, sou filha de professora e meu pai é mestre de obras. E que mestre! Sempre muito trabalhador, esforçado, ágil, disposto e, para nós, um super-homem, que resolvia todos os nossos problemas. Meu pai estudou pouco, lê com dificuldade e mal escreve, mas possui uma habilidade que até hoje admiro em realizar contas imensas mentalmente, além de fazer orçamentos de acordo com as medidas exatas. Veio de um contexto familiar carente, perdeu o pai aos seis anos de idade, não teve oportunidade de estudar, pois por ser um dos irmãos mais velhos, teve que ajudar minha avó a trabalhar para sustentar os outros irmãos mais novos. Entretanto, ele sempre reconheceu a importância do estudo e não media esforços para incentivar a mim e à minha irmã mais velha a estudarmos.

Além de mestre de obras, ensinava música voluntariamente. Guardo em minha memória cenas da infância em que em minha casa havia várias pessoas para aprender música com meu pai, e meu desejo em participar daquelas aulas era imenso, fosse como aluna ou também como professora.

Já minha querida mãe, formada em magistério, oferecia o que chamamos de reforço escolar na nossa casa, que é uma espécie de suporte para pessoas que estão com dificuldades na escola. Além de assistir outras pessoas, sempre me acompanhou no desenvolvimento escolar e com ela aprendi as primeiras letras.

Quando ingressei na escola, aos quatro anos de idade, já tinha muitos conhecimentos e nada do que a professora ensinava era novo. Sendo assim, meu ambiente familiar favoreceu o despertar da profissão docente. Considero, sinceramente, que esta é minha vocação, pois desde criança nunca sonhei ou idealizei tanto qualquer outra profissão.

Sempre admirei a forma como meus pais ensinavam; embora em contextos diferentes, o amor pelo que faziam e a satisfação ao

verem o desenvolvimento dos seus alunos eram os mesmos. Após alguns anos, quando eu e minha irmã crescemos um pouco mais, minha mãe retornou à universidade para fazer o curso superior em Pedagogia e atualmente é gestora de uma instituição de ensino.

As casualidades que me construíram professora

Modéstia à parte, sempre fui uma aluna muito dedicada e, durante as aulas, quando minhas ex-professoras do ensino fundamental I e II investigavam sobre nossas futuras profissões, ao dizer que queria ser professora, não encontrava nelas nenhum apoio. Muitas delas queriam colocar na minha cabeça outro tipo de profissão e pontuavam todos os aspectos negativos da carreira docente. A maioria dessas professoras já tinha alguns anos de atuação, acredito que elas estavam na fase de frustração com a carreira, conforme descreve Day (2004) ao elencar as cinco fases principais pelas quais os professores passam.

O autor supracitado afirma que muitos professores que se encontram no meio ou no final de suas carreiras ficam desencantados. Para o autor, a fase de frustração ocorre quando, por causa da falta de apoio, de uma desilusão originada pela dificuldade dos desafios que surgem na sala de aula, da falta de reconhecimento ou de circunstâncias pessoais adversas, os professores deixam de ter prazer no seu trabalho.

Entretanto, no ensino médio, tive outros tipos de professores que eram bem resolvidos quanto à escolha da profissão e a exerciam com todo afinho e profissionalismo. Os perfis destes professores encontram-se relacionados com a fase que Day (2004) considerou como “entusiasmo e crescimento”, que é um período em que a competência é reconhecida e o professor é aceito pela comunidade escolar, onde existe um elevado grau de satisfação no trabalho, em nível pessoal e organizacional.

Por ser uma escola militar, tudo era muito organizado e articulado. Hoje, compreendo que estes professores já tentavam, em suas aulas, conversar com outras disciplinas introduzindo a interdisciplinaridade, e naquele tempo achava muito pertinente as relações que uma disciplina tinha com a outra. Nesta fase escolar, muitos dos meus colegas tinham dificuldades em exatas, e com toda satisfação, formávamos grupos de estudos e eu ensina aos meus colegas os conteúdos que eles tinham mais dificuldades.

No terceiro ano, fui convidada a fazer alguns testes vocacionais, e eles apenas só confirmavam o que eu já sabia. A vocação para área de exatas, engenharias e, claro, a carreira docente. Conversando com meus professores de exatas, tanto o de física, quanto o de química e matemática cada um me incentivava a prestar vestibular para suas respectivas áreas de atuação, mas o prazer de estudar química me fez optar pelo curso de licenciatura em química. Penso que meu professor de química contribuiu por ser tão bom naquilo que fazia, despertou meu interesse pela disciplina.

Sobre o processo da escolha pela profissão, aproximo-me de Valle (2006) ao apontar que ela é influenciada, no âmbito social, por todo o capital cultural que o aluno adquiriu ao longo de seu crescimento e formação; pela presença e relevância da família para o indivíduo, uma vez que esta irá delimitar as suas perspectivas de trabalho e de vida; e pela própria escola, que também participa dessa delimitação, fornecendo informações e abrindo conhecimentos referentes às diversas carreiras possíveis, além de esclarecer dúvidas e problemas que os alunos têm ao tomar sua decisão.

Ainda segundo o autor supracitado, do ponto de vista afetivo, o aluno encontra, em seus pares, em seus professores, em seus familiares e nas demais pessoas que passam por sua vida, características e atitudes que acabam sendo incorporadas à bagagem de caráter subjetivo que ele já carrega com relação à vida.

Essa incorporação é decisiva para a escolha profissional, pois os alunos, segundo Primi (2000), buscam, em suas profissões, algo que preencha suas expectativas tanto emocionais quanto sociais.

Em 2009, prestei o vestibular para licenciatura em química e fui aprovada. Meus pais sempre respeitaram minha escolha, mas alguns amigos e parentes sempre me diziam: –Você vai fazer química para ser professora? Tem certeza que você quer ser professora? Fazer um curso tão difícil para ser logo professora? Minha resposta foi sempre: – Sim, quero ser professora! E não deixei me levar pelo discurso de pessoas que não sabem reconhecer a importância de um professor para a sociedade.

Infelizmente vivemos em uma sociedade em que se valoriza o bem material, a posição aquisitiva e o status profissional. O professor, embora exerça uma função primordial na formação da sociedade, tem seus valores profissionais distorcidos, entretanto, poucas carreiras têm o privilégio dual de, por um lado, receber inúmeras críticas severas, desvalorização, e, por outro lado, elogios, carinhos sinceros e grandiosos, principalmente o reconhecimento de ter recebido uma formação ímpar.

O que me fez/faz prosseguir

Considero-me uma professora sonhadora por não ter tido, ainda, a oportunidade de exercer minha profissão, minha tão sonhada profissão, para colocar em prática tudo o que aprendi durante minha formação e tenho buscado aprender. Tive algumas experiências pontuais durante o estágio supervisionado, pois o professor regente da escola entregou a sala nas minhas mãos, o que foi muito gratificante e desafiador.

Fiquei com a turma num período de três unidades e consegui ter uma boa relação de respeito e muito afeto. São pequenas demonstrações, vontade de aprender,

interesse pelo que é ensinado, que fazem tudo valer a pena. Embora o público tivesse idade superior à minha, isso não se constituiu em empecilho para exercer aquilo que estava determinada a desenvolver. Pode até ser imaturidade, mas quando recebia mensagens do tipo “Tô com saudade”; “Estamos sentindo sua falta nas aulas de Química”, elas fizeram toda a diferença no meu estágio, e me proporcionaram grande satisfação.

Não poderia deixar de citar também a experiência que tive, durante a graduação, de fazer parte do meu curso na Universidade de Coimbra em Portugal, por dois anos. Serviu para agregar conhecimentos específicos da área de Química, uma vez que fiz o curso de bacharelado naquela instituição.

Ao concluir meu curso, já no Brasil, após dois anos estudando para concursos, optei por ingressar no mestrado em Ensino de Ciências para melhorar minha futura atuação docente. Penso que a formação inicial não dá conta de preparar totalmente um professor, mas fornece alguns subsídios que ajudarão a lidar com os desafios da profissão.

Neste sentido, concordo com o que propõe Nóvoa (1995), pois, para ele, a formação continuada pode ser considerada como importante etapa para a melhoria da ação docente e da prática pedagógica. Concomitantemente, Bonzanini e Bastos (2013) argumentam que a formação continuada é importante para suprir as lacunas da formação inicial e, além disto, contribui para o desenvolvimento profissional do educador. Entretanto, como bem aponta Amaral (2003), para a formação continuada e o desenvolvimento profissional é preciso o pensamento crítico e reflexivo. A reflexão contribui para a identificação de problemas e o encontro de soluções, que poderão acontecer de forma individual e/ou coletiva, com os demais professores e a escola, como locus de formação constante.

O mestrado tem mudado até mesmo minha forma de pensar sobre o que é ser professor e como se constitui um professor.

Percebo, através do relato de colegas que trabalham há anos na Educação Básica, que ser professor é um processo que evolui com o tempo, com a prática em sala de aula e que a formação é contínua e se prolonga até o fim da carreira, passando por diversos contextos, atravessando dilemas.

Ainda estou em processo de construção de identidade docente, pois a identidade do professor, segundo Nóvoa (1992), “[...] é um lugar de lutas e de conflitos, é um lugar de construção de maneiras de ser e de estar na profissão” (p. 16). A construção dessa identidade profissional é um processo longo e complexo. Necessita de tempo, portanto, necessita de acomodar inovações, assimilar mudanças, repensar a prática pedagógica, num processo de autoconsciência sobre o que faz, como faz e por que faz, em sala de aula, com os saberes (seus e de seus alunos).

Sonho um dia poder colocar em prática tudo o que até aqui tenho aprendido; aguardo ansiosamente esse momento e idealizo muito como será minha atuação. Enquanto esse momento não chega, só me resta sonhar e me profissionalizar, pois força de vontade não me falta!

REFERÊNCIAS

- AMARAL, I. A. do. Oficinas de produção em Ensino de Ciências: uma proposta metodológica de formação continuada de professores. In TIBALLI, E.F.A; CHAVES, S.M. (Orgs.). **Concepções e práticas em formação de professores**. Goiânia, XI ENDIPE, Editora Alternativa e DP&A Editora, 2003, p. 147-164.
- BONZANINI, T. K; BASTOS, F. Estratégias de formação continuada de professores: análise de uma experiência. IN: **ANAIS... IX Congresso Internacional sobre investigación en didáctica de las Ciencias**. Girona, 2013, p. 10 - 250.
- DAY, C. A paixão pela aprendizagem e pelo desenvolvimento. In:_____. **A paixão pelo ensino**. Portugal: Porto Editora. 2004. p. 151-187.
- NOVOA, A. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA. António (Org.) **Vidas de professores**. Portugal: Porto Editora, 1992.
- NÓVOA, A. (Coord.). **Os professores e a sua formação**. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.
- PRIMI, R. et al. Desenvolvimento de um Inventário de levantamento das dificuldades da decisão profissional. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 13, n. 3, 2000, pp.451-463.
- VALLE, I. R. Carreira do magistério: uma escolha profissional deliberada? **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, v. 87, n. 216, mai/ago 2006, p. 178-187
- BRITO, A. E. Narrativa escrita na interface com a pesquisa e formação de professores. In: MORAES, D. Z. e LUGLI, R. S. G. (orgs). **Docência, pesquisa e aprendizagem**: (auto) biografias como espaço de formação/ investigação. São Paulo: Cultura Acadêmica. 2010. 208 p. (Séries artes de viver, conhecer e formar).



As tessituras da vida pessoal e profissional na formação docente

.....
Karla Muniz Belém
.....

Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador. Escrever é também abençoar uma vida que não foi abençoada.

Clarice Lispector

Narrar sobre como me constitui professora é tecer a relação entre meus aprendizados e minhas vivências pessoais. Meu tempo como aluna foi mediado pela afetividade, a boa relação que mantinha com os professores, o que hoje me ajuda no processo de formadora. Nessa perspectiva, Catani, Bueno e Souza (2000) relatam que

[...] o estímulo à construção de narrativas autobiográficas que favoreçam a explicação das formas pelas quais se vivencia e se concebe a própria história de formação e suas múltiplas

relações com as pessoas e os espaços que a conformaram pode constituir um recurso inestimável às reflexões acerca da natureza dos processos formadores e das intervenções que neles se fazem (p. 169).

Apesar de minha mãe ter trabalhado como professora, diretora e secretária escolar, de experienciar os espaços escolares, não tinha como projeto de vida ser professora, queria ser oceanógrafa, mas quando você mora em uma cidade do interior da Bahia com menos de quinze mil habitantes, na década de 80, você não tem escolha. A cidade só possuía um único Colégio e o Magistério como única opção para a conclusão do ensino médio. Assim começa a minha trajetória como professora.

O início da caminhada

O rio atinge seus objetivos porque aprendeu a contornar seus obstáculos.

Lao-Tsé

Em outubro de 1991, fui aprovada no concurso público promovido pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia para professores da Educação Básica, assumindo o cargo de professora em outubro do mesmo ano, em um pequeno município do interior da Bahia, ministrando aulas de Ciências e Matemática para turmas de 3ª e 4ª séries do ensino fundamental, no período matutino.

Trabalhei poucos anos lecionando e, no ano de 1999, por causa do filho com deficiências múltiplas, solicitei remoção para o setor administrativo, porém lembro que era uma professora com metodologia tradicional.

Embora estivesse bastante insatisfeita, por estar trabalhando em serviço burocrático e distante da sala de aula, hoje compreendo que foi algo necessário, pois precisava atender às demandas de meu filho deficiente múltiplo. Ao mesmo tempo, sentia que precisava voltar a estudar, uma vez que já percebia muitas lacunas em minha formação inicial. Por este motivo, no ano de 2010, iniciei a graduação em Licenciatura em Biologia, na modalidade a distância.

Novos horizontes estão surgindo...

Quando uma criatura humana desperta para um grande sonho e sobre ele lança toda a força de sua alma, todo o universo conspira a seu favor.

Johann Goethe

Após a conclusão da graduação no ano de 2014, assumi a regência de classe, sofrendo um choque, pois a escola está totalmente diferente daquela da década de 1990, quando iniciei a carreira docente. Confesso que esperava chegar à escola e encontrar alunos(as) iguais aos do passado, ou seja, sentados em fileiras, esperando pacientemente que o professor despesasse todo o conhecimento e eles absorvessem tudo, como se fossem uma espoja.

A experiência formativa demandou que eu refletisse sobre a minha prática docente e compreendesse que apenas reproduzia a técnica utilizada por meus professores. Wittizorecki et al (2006, p. 23) relatam que “[...] escrever a respeito de si, além de envolver a reflexão da experiência vivida no processo coletivo pode nos levar a conhecer a multiplicidade da realidade social e nossa relação com essa realidade”. Destarte, o professor precisa ser construtor do seu saber docente, sendo necessário desenvolver sua identidade e autonomia.

Percebo que, com a contemporaneidade, alguns problemas sociais adentraram a escola, como, por exemplo, o consumismo e a violência. Para a sociedade, a resolução de todas as demandas por ela produzidas serão resolvidas na escola. Pergunto-me, todos os dias, se vou conseguir, de maneira satisfatória, desempenhar meu fazer docente com questões tão diversas que surgem diariamente no ambiente escolar.

No entanto, a escola mudou e ao professor são requeridas diferentes reflexões sobre a sua prática docente, com o intuito de superar as dificuldades no processo de constituir-se professor. A educação, hoje, é um direito de todos, a inclusão escolar abriu as portas da escola para os alunos que antes eram segregados, e com isso senti necessidade de buscar conhecimento através de uma especialização em inclusão no intuito de atuar da melhor forma possível. Nesse sentido, Brito (2010) pontua que, através das narrativas, torna-se possível desenvolver o pensar reflexivo na busca de compreender a realidade da formação e das práticas de ensinar.

Na escola em que trabalho, o índice de violência é muito grande, alunos (as) brigam quase que diariamente, alguns não respeitam ninguém; em contrapartida, a escola não oferece uma estrutura física adequada, não temos portas nas salas, muito menos uma quadra esportiva e laboratório de ciências ou de informática.

À medida que fui desenvolvendo minhas atividades de docência, por mais que estudasse sozinha, para melhor desempenhar meu trabalho, cada vez ficava mais claro, para mim, que precisava preencher as lacunas deixadas em minha formação inicial e, no ano de 2014, iniciei dois cursos de Especialização: Docência em Biologia e Formação Pedagógica para Educação Inclusiva.

Ao concluir esses dois cursos de Especialização, posso afirmar que ambos contribuíram, sobremaneira, para a minha vida pessoal e profissional, despertando ainda mais o desejo de dar

continuidade aos estudos, objetivando, dentre outros aspectos, aprimorar minha prática e enfrentar com mais tranquilidade os desafios com os quais me deparo na sala de aula, diariamente.

Mudanças de rumo

Somos, enfim, o que fazemos para transformar o que somos. A identidade não é uma peça de museu, quietinha na vitrine, mas a sempre assombrosa síntese das contradições nossas de cada dia.

Eduardo Galeano

A minha relação com a área de Educação Inclusiva vai além da vida profissional, já que vivencio essa questão cotidianamente. Gostaria de mencionar como ela foi despertada, já que, a princípio, eu me esquivava do tema educação inclusiva. Pensava comigo mesma: Eu já vivo ‘isso’, vou querer estudar também? Na época que pensava sobre a questão, não me dava conta de que, na realidade, vivia mesmo era a segregação, e não a inclusão.

Os acasos da vida nos permitem vivenciar experiências inusitadas. Uma delas se relaciona ainda ao meu curso de graduação. O primeiro esboço do pré-projeto da monografia tinha como tema geral “Genética de populações”, uma temática da Biologia com que eu tinha alguma afinidade. Porém, no dia da primeira reunião com a minha futura orientadora, após consultá-la, levei comigo meu filho com deficiências múltiplas, pois não tive com quem deixar, e esse foi o único dia, durante a graduação, que o levei para a aula. A professora atendeu a todas as outras orientandas e me deixou por último. Quando começou a orientação, ela disse: “Você não vai escrever sobre genética não, sua monografia será sobre educação inclusiva”. A sensibilidade dessa professora deu um novo rumo a minha vida, modificando minhas expectativas de futuro.

A partir de então, fui convidada para participar do Grupo de Pesquisa sobre Inclusão, participei de eventos específicos da área, apresentei trabalhos sobre formação de professores e sobre a família da pessoa com deficiência. Segundo Saveli (2006, p. 96), “[...] toda ação do professor e consequente tomada de decisões baseia-se no seu próprio mundo subjetivo, isto é, nas intenções, propósitos, crenças e constructos pessoais”.

As tessituras costuradas entre a minha vida pessoal e profissional estão me tornando uma pesquisadora engajada na área de inclusão da pessoa com deficiência, principalmente múltiplas deficiências. Nesse sentido, vou me constituindo uma professora cheia de questionamentos, dúvidas, medos, esperança, alegria, tristeza, mas procurando caminhos que respondam (ou não) a todas essas questões e as outras que surgirão pelo meu caminhar.

Dessa forma, narrar minha experiência foi refletir sobre, e não concluir, o que é a formação do professor, pois a sociedade muda ao longo do tempo, experienciamos outros saberes e, com isso, precisaremos estar sempre em busca de um novo caminhar.

REFERÊNCIAS

BRITO, A.E. Narrativa escrita na interface com a pesquisa e formação de professores. In: MORAES, D. Z; LUGLI, R. S. G. (Orgs). **Docência, pesquisa e aprendizagem**: (auto) biografias como espaço de formação/investigação. São Paulo: Cultura Acadêmica. 2010. 208 p. (Séries Artes de viver, conhecer e formar).

CATANI, D.; BUENO B; SOUZA, C. O amor dos começos: Por uma história das relações com a escola. **Cadernos de Pesquisa**, n. 111, p. 151-171, dez. 2000.

SAVELI, E. de. LOURDES. Narrativas autobiográficas de professores: um caminho para a compreensão do processo de formação. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, PR, v. 1, n. 1, p. 94-105, jan-jun. 2006.

WITTIZORECKI, E. S.; BOSSLE, F.; SILVA, L. O.; OLIVEIRA, L. R. de.; GÜNTHER, M. C. C.; SANTOS, M. V. dos.; SANCHOTENE, M. U.; MOLINA, R. K.; DIEHL, V. R. O.; NETO, V. M. Pesquisar exige interrogar-se: A narrativa como estratégia de pesquisa e de formação do(a) pesquisador(a). **Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 02, p. 09-33, maio/ago. 2006.



Quem sou eu? Memórias e trajetórias de uma formação docente

.....
Lorena Brito Góes Vieira
.....

Pelos caminhos da construção profissional

As formas como as professoras definem seu sentimento para a escrita do memorial apontam que a recuperação da experiência é sempre provocada. Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias de hoje as experiências do passado.

Esméria de Lourdes Saveli

Como apontado por Saveli (2006), busco, neste memorial, refletir e reconstruir as lembranças da minha vida que talvez em mim já estivessem esquecidas, mas ao repensá-las as considero importantíssimas quando hoje me vejo na condição de professora. Quero aqui contar um pouco da minha trajetória profissional e pessoal, bem como as formas pelas quais durante

esse percurso me reconheço professora. Isso tudo ocorre mediante as relações que foram e são estabelecidas, o contexto de formação e as experiências formativas construídas em diversos ambientes.

Os primeiros passos

Filha de mãe professora e auxiliar de enfermagem e pai motorista, quando retorno ao passado e olho para a minha infância, lembro de minha mãe levando-me para o seu ambiente de trabalho e lá estava eu participando das suas aulas junto aos seus alunos. Para mim era bom e divertido estar com ela naquele ambiente escolar, pois eu participava das aulas, ajudava no que ela precisava, além de ter o contato com os seus colegas de trabalho. Eu fazia questão de apagar o quadro negro porque eu gostava de escrever nele com giz colorido.

O que trago guardado em minha memória daquela época era a relação afetuosa que minha mãe estabelecia com seus alunos e o respeito que eles tinham por ela. Essas situações vividas em um ambiente no qual tinha como professora a minha mãe, remetem às ideias de Nunes (2002) que ressalta:

[...] a criança passa a internalizar a realidade objetiva, adquirindo um conjunto de significados, conhecimentos, comportamentos, rituais, normas e valores, enfim a cultura compartilhada pelos adultos ao seu redor (por exemplo, os pais) (NUNES, 2002, p. 2).

Entretanto, a minha trajetória como estudante durante o período do ensino fundamental ao ensino médio, me traz à lembrança alguns professores que conheci e que marcaram a minha formação por meio de suas práticas profissionais, dos

aprendizados partilhados e dos exemplos deixados por eles no contexto escolar. Nesse percurso percebi que tinha afinidade com a área das exatas, como Matemática e Química; e no decorrer do ensino médio, tive a oportunidade de conhecer um professor de Química chamado Remmis.

Esse professor marcou a minha formação na condição de estudante do ensino médio, pois ele tinha comprometimento profissional, buscava ministrar as suas aulas da melhor maneira possível, buscando sempre despertar em nós, alunos, a reflexão para pensarmos no nosso futuro profissional. Acredito que essas experiências, no ambiente familiar e no contexto escolar, trouxeram um peso para minha escolha profissional, e tempos depois me conduziram para a academia para cursar uma licenciatura.

Ao relembrar todos esses momentos, concordo com Santos (2005) que afirma:

[...] muitos fatores influem na escolha de uma profissão, de características individuais a convicções políticas e religiosas, valores e crenças, situação político-econômica do país, a família e os pares (SANTOS, 2005, p. 58).

É com esta compreensão que reflito sobre as diferentes realidades sociais que originam cada profissional. Ou seja, uma pessoa que optou pela profissão docente, por exemplo, provavelmente, foi direta ou indiretamente influenciada pelas experiências que passou mediante o convívio com os pais, professores e pares, a situação socioeconômica, as crenças internalizadas que traz consigo, da mesma forma que o médico, o engenheiro, o advogado, dentre outros profissionais. Isso não quer dizer que, como pessoas distintas em pensamentos e também em escolhas, não possamos buscar um melhor caminho profissional para que o reflexo dessa opção seja o mais satisfatório possível.

No espaço de formação

Durante a minha formação acadêmica, passei por muitas experiências positivas e também negativas, que produziram em mim a maturidade para ter a certeza da escolha que fiz para exercer a profissão docente ao longo da minha trajetória profissional.

A princípio, quando iniciei o curso de licenciatura em Química, ainda não tinha os conhecimentos necessários sobre a profissionalização docente, mas na academia algumas disciplinas foram imprescindíveis para a minha formação. As disciplinas que cursava fizeram-me refletir sobre a profissionalização da docência, os contextos sociais e culturais em que os professores se encontram inseridos, os enfrentamentos da profissão com as realidades externas e as conquistas profissionais adquiridas para uma melhor condição de trabalho.

Ao longo da formação na graduação, trabalhei durante meses como professora estagiária, no Instituto Euvaldo Lodi – IEL, e durante três meses em uma escola pública, sendo bem acolhida pelos professores, pela direção e pelos alunos. Foi um momento marcante, visto que ainda me sentia cheia de inseguranças para assumir o controle de uma sala de aula, bem como o papel de professora regente, pois apesar de ter no papel o nome de estagiária, assumíamos a função real de professora regente por inúmeras vezes.

As experiências que adquiri nesse período me fizeram refletir sobre a escolha da profissão. Passar pela disciplina de Estágio Supervisionado em Química trouxe-me aprendizados e experiências distintas ao trabalhar com professores regentes diferentes, podendo enxergar a sua prática, ao conviver com um público alvo de estudantes diversificados nos diferentes contextos do ambiente escolar. Nesse sentido, comenta Saveli (2006):

É sabido que a prática docente é resultado da inter-relação entre duas dimensões: uma que integra o mundo subjetivo do professor, representado pelas suas ideias, crenças que englobam também o afetivo, o emocional, o experiencial (teorias implícitas), e outro objetivo, representado pelos desafios enfrentados no cotidiano da vida familiar, social e escolar. São estas duas dimensões que definem a maneira do(a) professor(a) planejar a sua conduta docente e pessoal (SAVELI, 2006, p. 96).

No meu processo de formação, os estágios supervisionados me fizeram perceber e analisar os processos educacionais dentro do contexto escolar e qualquer que seja “a estrutura e os propósitos formativos do estágio, este tem sempre uma dimensão pessoal que ultrapassa amplamente os objetivos acadêmicos” (ZABALZA, 2014, p. 236).

No entanto, comecei de fato a despertar o interesse pela profissão docente quando me tornei bolsista de iniciação à docência no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID. Neste Programa passei a ter uma aproximação direta com o professor da escola, por meio de reuniões que aconteciam com um grupo de licenciandos, e com o professor da Universidade.

Nestas reuniões eram trazidas discussões acerca das situações educacionais ocorridas na sala de aula por meio de trabalhos que realizávamos e do que vivenciávamos no contexto escolar. As reuniões proporcionavam certas reflexões e faziam com que eu pudesse observar o papel daquele professor ao trazer suas experiências auxiliando na construção de minha identidade na condição de futura professora.

Para mim, o PIBID foi um marco na minha formação docente, ainda que como bolsista de iniciação à docência, pois existia ali a relação entre os colegas em um trabalho colaborativo, a troca entre os saberes experienciais com a professora supervisora da escola e com a professora coordenadora da Universidade. Este aspecto é tratado por Nunes (2002) ao citar que:

[...] quando um indivíduo resolve exercer uma profissão, ele necessitaria internalizar a cultura compartilhada pelos membros mais experientes daquela profissão. A socialização, deste modo, se converte em um processo de transmissão cultural de adultos para as crianças ou de expertos em uma determinada área para principiantes (NUNES, 2002, p. 2).

Além dessas vivências, a prática docente no contexto acadêmico, os eventos regionais e nacionais da área, como o Encontro de Educação em Química da Bahia-EDUQUI, Encontro de Química da Bahia-EQBA, Encontro Nacional de Ensino de Química-ENEQ, a participação em oficinas temáticas, entre outros, me forneceram aprendizagens significativas para a constituição da minha formação.

Próximo de terminar o curso, vivenciei duas situações que considero que foram fundamentais para a constituição da minha formação na docência: a primeira foi a construção do meu trabalho de conclusão de curso e a segunda foi o trabalho como bolsista de iniciação científica com uma professora que trabalha nas áreas de formação de professores e currículo.

Entendo que o professor também se constitui um pesquisador à medida que ele investiga e ressignifica as suas práticas no contexto de sala de aula. Nesse sentido, as práticas de ensino, sejam elas por meio dos estágios supervisionados, da iniciação à docência ou iniciação científica, surgem como pontos importantes, uma vez que elas aludem ao estudo dos aspectos dos indivíduos, das relações que são produzidas, dos conteúdos programáticos e das funções que constituem os processos da prática formativa (MARCELO GARCÍA, 1999).

Hoje, apesar de ser formada em licenciatura em Química e ter adquirido conhecimentos e saberes durante todo o percurso da graduação, carrego em mim uma certa angústia, pois ainda não me sinto professora propriamente dita pelo fato de

não estar atuando em sala de aula. Sei que preciso vivenciar isso para poder me sentir completa, sei que não estarei acabada, mas completa e realizada, pois amo a minha profissão.

Uma complementariedade na minha formação

Segundo Veiga (2010, p. 184), “[...] a trajetória profissional é um processo de ordem social”. Nesse sentido, retornar para a academia, ou melhor, dar continuidade à minha formação por meio do mestrado acadêmico surgiu de uma busca por uma realização pessoal e profissional, oportunizando uma capacitação ainda maior do que aquela que adquiri no período da graduação, permitindo uma melhor valorização profissional.

O professor em formação inicial, ao se inserir com novas proposições, reflete sobre suas concepções que estão associadas ao processo de ensino e de aprendizagem (SANTOS, 2007). Desta forma, a minha experiência na condição de bolsista de iniciação científica no período que cursei a licenciatura em Química, viabilizou-me buscar novos conhecimentos por meio da pesquisa teórica e empírica, despertando em mim o perfil de pesquisadora.

A oportunidade de poder trabalhar na prática, fazendo pesquisa durante a minha formação acadêmica, bem como por ter vivenciado a experiência na iniciação à docência pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID levaram-me a querer dar continuidade à formação continuada, com o olhar direcionado para a pesquisa no campo da formação de professores e do currículo.

Toda essa conjuntura no processo de construção a formação docente envolve a troca de aprendizados e conhecimentos que são partilhados e compartilhados pelos formadores de professores durante o curso de formação acadêmica. Nesta perspectiva, Marcelo García (1999, p. 94), apoiado em Gimeno, ressalta que “[...] os formadores de professores têm

um papel fundamental no desenvolvimento de conhecimentos, competências e atitudes dos professores em formação”. No meu caso, considero importantes as relações que foram estabelecidas com formadores de professores que trabalham na área de ensino de Química e, atualmente, com os formadores de professores da área do ensino de Ciências.

É na condição de pesquisadores no campo da educação que encontramos o princípio para a busca do ensino inovador. Nesse aspecto, passo a me constituir não apenas como formada para ser professora de Química, porque ainda não me encontro no exercício da docência, mas também uma pesquisadora que busca novas contribuições para essa formação.

Não me enxergo isolada nesse processo de formação continuada, acredito que em mim se constituem as marcas de uma formação que se estabelece no envolvimento com o outro, quer seja um colega, um professor, um orientador, que se realiza quando se está fazendo pesquisa, na troca de experiências e também no que nos propomos a fazer na condição de professores e/ou pesquisadores. Nesse entendimento, Veiga (2010, p. 189) expressa que

na dimensão humana, os focos estão voltados para a afetividade, para a sensibilidade frente aos alunos e aos colegas professores e funcionários. Há ênfase nas relações interpessoais, na importância do compartilhamento, no diálogo, nas negociações dos conflitos e impasses, na reflexão conjunta e solidária.

Nesse processo de formação no qual estou envolvida atualmente, aliado à pesquisa no campo da área educacional, à medida que caminho, percebo que amadureço, dia após dia, ao entender que desconstruo algumas concepções já interiorizadas para construir um novo entendimento.

Desta maneira, vejo que o ramo da docência se torna complexo, pois não estamos lidando com objetos ou coisas, e sim com pessoas. Assim, aquilo que trago da minha formação traz aspectos que auxiliam quando estou fazendo pesquisa com o olhar e o entendimento do outro, que propiciam a construção de novos discursos teóricos e resultados que irão ressignificar a prática profissional na formação docente. Nisto a formação permanente tem sido percebida de maneira imprescindível para o êxito das reestruturações educativas, ocasionando uma transformação moral, intelectual e profissional para a formação (IMBÉRNON, 2009).

A importância do mestrado acadêmico para mim tem como significação o fato de que o professor também pode ser um pesquisador, independente do ambiente no qual ele irá atuar. Seja professor ou seja pesquisador, podemos refletir as nossas práticas partindo do entendimento de que podemos contribuir para uma melhor formação docente no contexto acadêmico e no contexto educacional; é nesse entendimento que me constituo professora e pesquisadora.

REFERÊNCIAS

IMBERNÓN, F. **Formação permanente do professorado**: novas tendências. São Paulo: Cortez, 2009.

MARCELO, C. Pesquisa sobre a formação de professores: o conhecimento sobre aprender a ensinar. **Revista Brasileira de Educação**, n. 9, p. 51-75, set./out./nov./dez., 1998.

MARCELO GARCÍA, C. Formação inicial de professores. In: _____. **Formação de professores** – Para uma mudança educativa. Portugal: Porto Editora, 1999. 72-108 p. Coleção Ciências da Educação, Século XXI.

NUNES, J. B. C. Aprendendo a ensinar: Um estudo desde a perspectiva da socialização docente. **ANPED**, 25, 2002.

SANTOS, L. M. M. dos. O papel da família e dos pares na escolha profissional. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.10. n. 1, 2005.

SANTOS, F. M. T. Unidades temáticas: produção de material didático por professores em formação inicial. **Experiências em ensino de Ciências**, Mato Grosso, v. 2, n. 1, p.01-11, mar. 2007.

SAVELI, E. de L. Narrativas autobiográficas de professores: um caminho para a compreensão do processo de formação. **Práxis Educativa**. Ponta Grossa, PR, v. 1, n. 1, p. 94-105, jan./jun. 2006.

VEIGA, I. P. A. Eu, Professora: uma narrativa autobiográfica. **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v. 16, n. 30, p. 183-191, jan./jun. 2010.

ZABALZA, M. A. O estágio como experiência profissional. In: **O estágio e as práticas em contextos profissionais na formação universitária**. São Paulo: Cortez, 2014.



Memorial descritivo: caminhos percorridos na descoberta da profissão

.....
Poliana Gonçalves Sousa
.....

Apresentação

O texto que compõe este memorial é produto de algumas lembranças que no correr da vida foram e ainda serão importantes na construção desta recém-formada professora que vos fala. Trata-se de um texto que procura mostrar como minhas escolhas me guiaram até o momento atual e como a opção pela profissão de professor se materializa em realização profissional e pessoal.

Trata-se de um relato de aspectos que fizeram parte da minha formação e sobre como a ocorrência deles teve consequências para o momento atual, em que decido seguir a carreira acadêmica como aporte para o exercício da profissão no futuro.

Mesmo sendo um texto extenso, é apenas uma parte do que me ocorreu e que me veio à lembrança e ao registro no papel como mais simbólico para esse momento em que me encontro na caminhada.

Ainda existem muitas coisas que precisam de explicação, mas compreendo que este é um exercício que nunca finda e percebi que, ao escrever, lanço mão de uma ferramenta que permite a remontagem dos fatos.

O texto está dividido em duas partes: Na primeira, relato um pouco sobre a minha trajetória estudantil, marcada pela dificuldade, mas permeada de esperanças cultivadas pelos meus pais na educação que eles não tiveram, mas queriam proporcionar aos filhos. Na segunda, discorro sobre algumas experiências que tive durante a graduação e que me certificaram da escolha da profissão professor. No final, apresento uma reflexão sobre alguns aspectos que compõem a vida do profissional professor.

É certo que alguns episódios podem ter me fugido da memória, mas procurei no texto ligar os acontecimentos para que ficassem claros até mesmo pra mim, que desde que resolvi ser professora, estive caminhando por vários espaços em busca de um sonho profissional que se mistura com o pessoal.

Marcas da vida estudantil

Abordar aspectos da minha trajetória estudantil é falar de uma trajetória na qual os sonhos e desejos de realização pessoal e profissional são também de outros atores importantíssimos no processo – os meus pais. É difícil não os mencionar, visto as dificuldades passadas e a consciência que eles despertaram em mim, em meus três irmãos e em meus dois primos que por muito tempo moraram conosco. Posso dividir minha primeira caminhada no espaço escolar como aluna em duas etapas: A que corresponde ao ensino fundamental (I e II) e a outra correspondente ao ensino médio, e assim destaco algumas memórias importantes neste processo.

Até a conclusão do ensino fundamental II, eu e meu irmão mais velho estudamos em escola particular, os outros não

tiveram a mesma oportunidade pela condição financeira. Porém, é importante destacar, e falo com toda certeza, uma vez que todos são realizados profissionalmente, que isso não acarretou em nenhum prejuízo à formação deles.

No ensino fundamental I, a escola em que estudamos tinha uma parceria com uma Igreja Católica, e a mensalidade representava o pagamento de uma taxa simbólica. Já no ensino fundamental II (6º ao 9º ano) essa parceria só funcionava no nome, pois havia cobrança de uma mensalidade um tanto fora da nossa realidade, e minha mãe, sábia como sempre, negociou com a direção da escola a possibilidade de conceder meia-bolsa para meu irmão mais velho que era um ano escolar à minha frente e assim fomos contemplados porque a direção da escola usou como critério o fato dele sempre se destacar por ter notas altas. Já quando cheguei ao ensino fundamental II, ficou acordado que uma parte da mensalidade seria paga em dinheiro e a outra parte meu pai pagaria consertando as cadeiras e mesas da escola nos fins de semana, e assim foi por um período.

Houve até um episódio engraçado, mas que poderia ser trágico: às vezes meu pai levava um dos meus irmãos mais novos para lhe fazer companhia quando ia consertar as cadeiras e certa vez, ao não conseguirem contato com o responsável por abrir a escola nestes dias, resolveram pular o muro e nele havia alguns fios formando uma cerca elétrica improvisada. Meu pai resolveu colocar meu irmão para pular primeiro e a pobre criança tomou um belo choque; o que meu pai conta é que ele o segurou no colo, sendo que ele caiu com as mãos na posição em que estava apoiado no muro ao subir.

O que posso destacar dessa primeira etapa de escolarização, além do esforço dos meus pais, são sem dúvida os professores. Tenho plena consciência de que naquela época ser professor não estava nos meus planos, na verdade eu não tinha muitos planos (como qualquer criança), mas claro que eles chamavam a minha atenção, uns pelo perfil mais rígido, disciplinador, outros

porque eram verdadeiras estrelas na escola. Como exemplo posso citar uma professora de religião (ensino fundamental I) que, caminhando para um lado um pouco diferente do que se esperaria dessa disciplina, falava muito sobre educação sexual e isso a tornava a queridinha dos alunos.

Como mencionei anteriormente, essa escola onde estudei as duas etapas do ensino fundamental era ligada à Igreja Católica, e existiam algumas normas, como fazer orações (muitas vezes ajoelhados), cantar o Hino Nacional e o Hino à Bandeira, sob a regência do Frei, diretor geral da escola, e acredito que seja importante mencionar que muitas coisas que aprendi e trouxe para minha vida, de modo geral, aprendi pela forma como aquela escola estava organizada e como esta organização se refletia no ensino. Não que isso tire deste modelo de escola algumas críticas relacionadas ao controle e à liberdade do indivíduo e alguns padrões ditos normativos.

Mas retomando as lembranças e marcas dos professores, recordo que, na então 2ª série do ensino fundamental I, a professora solicitou que fizéssemos um poema na sala de aula sobre algo, pois para nós seria importante como exercício de escrita e também para entendermos algo do gênero textual. Fiz um pequeno poema sobre o circo, com poucos versos, cheio de rimas e de certa forma envolvente. Digo isso porque a professora leu, leu mais uma vez e chegou à conclusão, e disse em alto e bom som, que não tinha sido eu quem tinha escrito o poema, dada a qualidade daqueles versos... Frustrei-me, a professora estava duvidando da minha capacidade e a partir de então tudo que fazia naquela época era pra tentar mostrar a ela que eu sabia fazer as tarefas da escola.

Já no ensino fundamental II tive muitos bons professores, e um deles despertou meu interesse pelas Ciências/Biologia pela forma como explicava os conteúdos, com seus desenhos de alguns sistemas do corpo humano, com riqueza de detalhes e também pela forma como ele tratava os alunos. Falava uma

língua que nós entendíamos, falava de assuntos que estavam relacionados à nossa vida. Lembro-me quando falou dos malefícios de mascar chiclete (desde então é muito raro eu mascar chiclete), falava de outras coisas que não estavam relacionadas aos conteúdos, nos dava liberdade, sem se perder e sem permitir que nos perdêssemos nessa tal liberdade. E, ao contrário do que se pode pensar, ele era extremamente rigoroso em suas avaliações e prezava muito pela qualidade de nossas respostas nos exercícios e provas. O admirava como pessoa e como profissional, e naquele momento não existia um interesse aparente em ser uma professora como ele, mas ele me despertou para a relação do ser humano com a Ciência.

É importante salientar que meus pais sempre estiveram presentes nesta primeira etapa, nos incentivando e nos mostrando que o caminho que deveríamos seguir era o da educação, e por isso não mediam esforços para nos dar uma educação de qualidade. Muitas vezes eles nos lembravam que não tiveram as mesmas condições de estudo, pois cedo tiveram que trabalhar para ajudar meus avós e também para se manterem e, além disso, a educação no contexto social e temporal que eles viveram a infância e juventude (década de 1960 até o início da década de 1980) não era para classes mais populares.

A segunda etapa corresponde ao ensino médio, que significou muitas mudanças. O choque inicial foi a mudança para a escola pública e eu já tinha noção da existência de algumas diferenças entre a educação oferecida por instituições privadas e públicas. Nesta época, também, havia uma nuvem confusa que começava a se formar por conta da pressão da família e do meio social pela escolha da profissão atrelada à formação universitária como pré-requisito para reconhecimento profissional e social. Era o momento de prestar vestibular e todos os incentivos começavam já na entrada no ensino médio.

Em relação às diferenças entre a educação privada e pública, não me apeguei muito a este aspecto, o que me chamou

mais atenção no período em que fui aluna da escola pública foi a liberdade dada aos alunos. Podíamos, por exemplo, externar nossos pensamentos sobre o mundo de modo geral, pois a maioria dos professores nos dava condição para expressar nossos posicionamentos e nos orientava quanto às consequências dos mesmos.

Lembro-me dos professores de História e Geografia que, a partir dos conteúdos, nos mostravam as conexões entre os fatos ocorridos no passado e a influência dos mesmos no presente e no futuro. Eu os admirava porque todos os conhecimentos que possuíam não estavam relacionados aos conteúdos e à obrigatoriedade de passá-los aos alunos. Muitos deles passaram por momentos importantes da história de nosso país, como a Ditadura Militar, e assim sempre evocavam questões da militância política na defesa de uma sociedade mais justa e igualitária.

Percebia que a forma como eles trabalhavam estes conteúdos despertava em nós, alunos, a reflexão, a crítica à realidade e o exercício da cidadania. Neste período começava a pensar sobre qual poderia ser o papel do professor e sua influência sobre seus alunos, sua relação com o outro e com a realidade que o cerca e ainda sobre como o exercício desta profissão exige conhecimento sobre esse mundo e também sobre aqueles com quem eles lidarão no dia a dia.

Além destes professores inspiradores nesta etapa, havia aqueles que nos deixavam reflexivos em outros aspectos. Os professores de Física e Química me deixavam completamente desorientada com tantos cálculos, fórmulas e substâncias, e eu, na maioria das vezes, me frustrava por não conseguir entender a que ponto eles queriam chegar. Nesta etapa havia muitas mudanças de professores no decorrer do ano letivo, alguns não tinham a formação em licenciatura nestas áreas e tive, por exemplo, como professor de Química um estudante de Engenharia Agrônoma, e como professor de Biologia um veterinário que não tinha muita familiaridade com o quadro branco. Sobre estes episódios, eu já pensava na hipótese de que não havia muitos

professores formados nestas áreas, devido à dificuldade em trabalhar os conteúdos destas disciplinas e também às questões como a baixa remuneração e a desvalorização deste profissional.

Além destes aspectos, me recordo que havia (e acredito que ainda existe) a crença de que se um profissional tinha, em seu processo de formação, componentes curriculares em que conteúdos destas áreas eram requeridos em um nível mais aprofundando que o comumente trabalhado na escola, isso os tornava capazes de transmiti-los a qualquer um. Exemplo deste fato era a valorização que se dava a estudantes de Medicina e Engenharia para dar aula de Biologia, Química e Física.

Foi diante deste aspecto que o tema didática entrou em minha lista de características do professor, pois muitas vezes essas pessoas tinham muito conhecimento sobre a matéria, mas não sabiam trabalhar na sala de aula. Além deste aspecto, as ideias sobre a não valorização profissional se tornavam cada vez mais fortes, talvez isso me fizesse não querer ser professora, mas não foi o que aconteceu.

A hora da escolha da profissão estava chegando e nessa altura da vida eu já sabia o que queria ser. A maioria dos professores, sobretudo os de Biologia, passaram a ser meus modelos de pessoa em todos os aspectos. Aparentemente eram pessoas bem-sucedidas, tinham uma boa relação com as pessoas que estavam no ambiente escolar, lidavam muito bem com o conhecimento e eu as admirava mais e mais.

Quando comuniquei a minha mãe que iria fazer Biologia, ela ficou assustada por não saber do que se tratava esse curso. Expliquei a ela que existia o curso de Biologia na modalidade licenciatura, que formava professores que também poderiam atuar como biólogos, a depender de sua especialização, e o curso de Biologia na modalidade bacharelado, que formava biólogos para trabalharem em campo, com pesquisas e outros procedimentos.

Expliquei a ela que faria licenciatura porque não havia bacharelado na cidade em que morávamos, e que fazendo este

curso, poderia atuar tanto na sala de aula como em campo ou com pesquisas. Ela não disse nada; naquele momento, aceitou minha decisão, embora tenha mencionado, uma vez ou outra, na época, que eu deveria fazer algo na área da saúde e acompanhar meu irmão que havia passado no vestibular para Medicina. Creio que essa reação dela se deva ao fato de que começava a relacionar as profissões com os ganhos financeiros e sabia que ser professor não era uma profissão com boa remuneração. Eu disse a ela nesta época, e sempre repito, quando tenho a oportunidade: Uma pessoa pode ser bem remunerada em qualquer profissão, desde que ela goste do que faz, e a boa remuneração vai além do dinheiro.

É importante mencionar que não tive influência da família na escolha da profissão. Tenho uma tia que fez magistério, mas nunca exerceu a profissão e nem quis seguir adiante com os estudos nesta área. Para ser mais específica, na minha família, considerando os tios e primos mais próximos, chamados de primeiro grau, meu irmão mais velho, o meu irmão do meio e eu fomos os primeiros a conquistar um diploma no ensino superior, e tudo indica que contando com meu irmão mais novo que se formará no próximo ano, seremos os únicos por um bom tempo.

Da entrada na academia ao ingresso na pós-graduação

Seguindo a vida profissional, após a escolha do curso que faria, prestei vestibular em 2006 em uma faculdade particular na cidade de Salvador/BA. Naquela oportunidade, minha família estava dividida: meu pai morava no exterior (Luxemburgo), pois lá ele era mais bem remunerado em sua profissão, meu irmão mais velho morava em Salvador/BA, por conta da escolha do curso, e em nossa cidade, Vitória da Conquista/BA, morávamos eu, minha mãe, meus dois irmãos mais novos e uma prima. Minha mãe, querendo resolver essa situação, afinal eram três

despesas, decidiu ir passar um tempo com meu pai no exterior e resolveu que nós, os filhos, iríamos morar em Salvador/BA, e assim prestei vestibular somente naquela cidade.

Pesquisei sobre as universidades e faculdades que ofereciam o curso de licenciatura em Biologia, tanto públicas como privadas, prestei vestibular em uma pública e em uma privada e acabei sendo selecionada nesta última. Era uma faculdade bem estruturada, o curso durava três anos e os professores eram os mesmos das universidades públicas de maior prestígio na capital baiana. Foi um período de grande aprendizado, os professores eram muito exigentes e sempre nos lembravam de que estávamos pagando, mais uma vez, pela educação, e deveríamos exigir o melhor e fazer nosso curso da melhor maneira possível.

Cursei apenas três semestres nesta faculdade por conta de alguns problemas com minha família e também por não ter, na época, maturidade para terminar o curso. O fato da minha mãe ter ido morar no exterior, ficar com meu pai, me deixou com muitas responsabilidades, pois era eu quem cuidava de tudo na casa, compras, remédios, escola dos menores, contas a pagar e com isso aprendi muitas coisas e agradeço a eles por isso. Mas eu resolvi deixar o curso porque queria ser independente e responsável pelo meu sustento, pela minha educação e por minha vida e ter outras experiências. Depois, meus pais retornaram do exterior e ficamos todos juntos em Salvador/BA, novamente.

Naquela oportunidade, a profissão professor já se mostrava para mim como uma boa opção. Na experiência vivida na faculdade particular, tive contato com professores muito jovens que já estavam ali dando aula no ensino superior, muitos eram pouco mais velhos que eu. E mais, muitos já estavam fazendo mestrado e doutorado, todos muito jovens! Começava a me encantar pelo mundo da academia, pelas possibilidades de seguir a carreira acadêmica, pelas pesquisas e discussões no ambiente acadêmico. Tive ótimos professores.

Procurei algum projeto de pesquisa para fazer parte como estagiária, quando soube que havia a possibilidade de aprender e ainda ser remunerada enquanto estagiava. Mas na faculdade particular, as oportunidades eram quase inexistentes quando comparadas às faculdades e universidades públicas. Enquanto alguns amigos meus, da universidade pública, relatavam que os murais da universidade estavam cheios de anúncios, nos nossos eram raríssimas as oportunidades, e quando apareciam, o aluno candidato à vaga deveria ter as melhores notas e um currículo impecável.

A oportunidade de atuar em algum projeto veio por convite de uma professora e durante um semestre, depois de ter sido sua aluna em uma disciplina e participado de um projeto, que estava em construção, como voluntária. Uma vez por semana eu, mais quatro estudantes e a professora, às 07h00min da manhã, pegávamos um pequeno barco e íamos até a Ilha de Maré, pertencente ao município de Salvador/BA, e lá auxiliávamos os professores com as aulas, abordando questões relacionadas ao meio ambiente. Os alunos eram, em sua maioria, crianças do ensino fundamental I, pois na Ilha não havia escolas do ensino fundamental II e do ensino médio; os alunos tinham que ir de barco até Salvador quando chegavam a esta etapa escolar.

O que chamava muita nossa atenção era o fato da comunidade ser carente, formada por muitos pescadores e ali faltavam recursos como de saneamento básico, infraestrutura, serviços de saúde, emprego, dentre outros. A esperança destes moradores aumentava no período do verão quando muitos trabalhavam em barracas nas praias ou vendendo pescado para os turistas. Só tinham o básico, e tudo o mais de que precisavam tinham que se deslocar até Salvador.

Os moradores nos respeitavam muito e sempre que podiam falavam das suas condições de vida naquele lugar, e que, mesmo sendo tão difíceis, era comum ouvir, principalmente dos mais velhos, que não saíam dali por nada; realmente era um lugar muito bonito. Naquele período aprendi a valorizar a

simplicidade, o contato com o outro, e a perceber que às vezes, nossas necessidades são estúpidas, quando comparadas às das pessoas que apresentam necessidade de coisas tão básicas, como acesso a água potável, ao tratamento de esgoto, a uma escola localizada próximo de casa, para não ser necessário acordar tão cedo para pegar um barco.

Outro ponto interessante diz respeito à professora que estava à frente do Projeto no qual participava como voluntária. Ela se mostrou uma pessoa simples e aberta ao diálogo, a uma boa conversa, a esclarecer nossas dúvidas. Esta professora me marcou muito, por sempre demonstrar que acreditava no poder da educação e na importância de formar bons professores. Ela sempre estava envolvida em alguma atividade de formação e conciliava a rotina de aulas com o seu doutorado em outro Estado, e ainda tinha tempo para estudar francês. Não sabíamos como ela arranjava tanto tempo e não deixava transparecer o cansaço. Eu sei que ela continua sendo muito boa no que faz, eu a acompanho nas redes sociais e atualmente ela é professora em uma universidade federal e cada dia que passa sou mais fã dela, e quero ser como ela, só não sei se tenho o mesmo “gás”.

Como mencionado anteriormente, cursei apenas três semestres na faculdade privada e depois disso fiquei dois anos longe da academia, trabalhando em uma área totalmente diferente da Biologia e do ensino. O desejo de retornar à academia sempre existiu, queria ter formação universitária e assim resolvi prestar vestibulares e fiz na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) e na Universidade Federal da Bahia (UFBA) para licenciatura em Biologia. Prestei também o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) para tentar alguma vaga em universidade particular, caso não fosse aprovada na pública, e ainda seleção para um curso técnico em Automação e Controle no Instituto Federal da Bahia, neste último foi que depus minhas maiores esperanças, pois ao fazer a prova e conferir o gabarito, vi que tinha me saído bem.

À exceção da UESC, as outras opções estavam restritas à cidade de Salvador/BA, mas não foi sem razão que escolhi a UESC para retornar à academia caso fosse aprovada. Três fatores me influenciaram: (1) É daqui desta região a pessoa que escolhi para ser minha companheira, até agora pelo resto da vida; (2) Salvador/BA é uma cidade muito grande, com muitos problemas e demorei a me adaptar à vida na capital; (3) Eu achava essa região muito linda. Como dizem por aí, juntei o útil ao agradável.

Das duas universidades públicas, a UFBA tinha um dos exames mais difíceis, e mais uma vez eu não tinha sido aprovada e também não tinha sido aprovada no curso técnico e não tinha muita expectativa com o ENEM. O resultado da UESC foi o último a sair e eu não tinha esperança, até que recebi uma ligação de uma amiga, quando estava no trabalho, descansando do almoço, e ela disse que meu nome estava na lista de aprovados. Não consegui fazer mais nada, só pensava em fazer as malas e voltar ao mundo da academia, tendo ao meu lado o grande amor da minha vida.

Fui aprovada para começar o curso no 2º semestre de 2010, logo, tinha quatro meses para me organizar, sair do emprego, arranjar uma moradia e fazer minha mãe se acostumar com a ideia de que eu iria voltar para o interior da Bahia, mas tudo foi se organizando. Escolhi o curso noturno para ter o dia livre para trabalhar e me manter na cidade. Quando comecei o curso, tinha sido selecionada em um concurso para trabalhar temporariamente como recenseadora do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Trabalhei de agosto de 2010 a outubro de 2010 e com o que recebi neste trabalho e as economias que fiz me mantive por um tempo.

O retorno à academia significava muito, estava decidida a não perder tempo, não ser reprovada nas disciplinas e me envolver em projetos visando o mestrado, pois neste período começava a perceber que a graduação era apenas o primeiro passo

na formação e ainda queria entender um pouco mais sobre os projetos e as pesquisas, e como eles poderiam ajudar na resolução de problemas da sociedade. Cheguei mais madura, mais consciente do qual queria, mais cuidadosa ao identificar o que poderia fazer para melhorar minha formação.

Também neste período, fui apresentada, pelo cotidiano acadêmico, a algo para o que nunca tinha atentado antes e, acredito que por conta da minha primeira tentativa de formação superior ter sido em uma instituição privada, isso não era tão enfatizado. Só na UESC é que atentei para a questão do currículo lattes e sua importância caso quisesse ser reconhecida no meio acadêmico. Porém, sempre fui muito avessa a essa corrida por participação em eventos, apresentação de trabalhos e outros apenas para agregar quantidade nesse currículo. Busquei, dentro do curso, participar de espaços fora da sala de aula da universidade que me promovessem reflexão sobre o tipo de profissional que queria ser, sobretudo sobre que tipo de professora eu queria ser.

Em um dado momento, quando o contrato com o IBGE tinha terminado e estava apertada financeiramente, comecei a procurar emprego ou estágio remunerado para conseguir me manter. Me interessava mais um estágio, pois estava decidida a me envolver diretamente em trabalhos mais próximos do curso, os quais poderiam ser relacionados tanto a áreas específicas da Biologia quanto diretamente ao ensino dessa disciplina.

Consegui, através de uma colega, um estágio como voluntária em um projeto de pesquisa com fungos do cacau. Neste período, a UESC passou por uma greve de três meses e foi justamente neste período que trabalhei neste projeto, como voluntária. O pré-requisito para a participação era já ter cursado a disciplina de biologia molecular e celular e ter a maior disponibilidade de tempo possível para atuar no laboratório.

Trabalhava das 8h da manhã até às 17h da tarde, auxiliando mestrandos e doutorandos em trabalhos como coleta de material, extração de DNA e técnicas para analisá-lo. No início fiquei

perdida, mas aos poucos fui entendendo a rotina, os protocolos e as técnicas, porém saí de lá sem saber a finalidade real de todas aquelas pesquisas, porque, no meu entendimento, aquilo não afetava diretamente a realidade das pessoas. Não senti vontade de atuar naquela área, por isso considero importante a participação naquele Projeto, porque tive a certeza de que não desejava trabalhar em laboratório.

Fiquei bastante ansiosa também pelo fato deles não mencionarem a possibilidade de bolsa, e eu tinha que me manter. Então tinha duas razões para não estar ali: Não gostava da área e também não estava sendo remunerada. Não posso negar que aprendi que fazer pesquisa exige responsabilidade, técnicas, comprometimento, leitura, organização e que se trata de um trabalho difícil.

Com o retorno das aulas, vi, em um dos murais da UESC, um anúncio sobre a seleção de bolsistas para o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID – Biologia. Pesquisei sobre o que seria este Programa e quando vi que se tratava de algo relacionado à docência fiquei bastante animada, fiz a seleção e fui aprovada para ser bolsista.

A participação no PIBID, durante aproximadamente três anos e meio, foi, sem dúvida, um dos pontos mais altos em minha formação, pois me possibilitou conhecer a realidade escolar, proporcionando a reflexão sobre a teoria aprendida na Universidade e a sua contextualização no espaço escolar. No Programa tive a oportunidade de construir uma nova imagem da educação, pois a imagem nebulosa que tinha era da indisciplina por parte dos alunos e da indiferença por parte de professores e gestores.

Na participação no PIBID, destaco o contato com as professoras universitárias que foram coordenadoras de área e com as professoras da escola que ocupavam o cargo de professoras supervisoras dos bolsistas. A primeira coordenadora que tive me auxiliou (e aos outros bolsistas) na construção de um novo olhar para a educação. Sempre sensível, essa professora nos levava a pensar

o ensino de Ciências pelas artes, pelos poemas e pelas imagens do cotidiano, em um contexto de possibilidades que muitas vezes não estava presente em livros didáticos e experiências de laboratórios. Ela nos orientou a ter um “olhar atento” para o conhecimento que poderia ser produzido no contato com o outro.

Nas discussões em grupo, sempre nos lembrava que a profissão de professor não era fácil e que não poderíamos nos deixar influenciar por todos os problemas decorrentes da desestruturação do ensino e pela desvalorização do profissional. O desafio em nossa formação era de sermos criativos e nos colocar à disposição para as experiências com a finalidade de romper com a visão romântica do ensino como um dom, e também acreditar na capacidade dos alunos para aprender Ciências. Além disso, os trabalhos que realizamos foram importantes para a desconstrução da ideia do ensino por transmissão.

A outra professora coordenadora que tive no Programa nos mostrou que aquele espaço deveria ser dinâmico. Sempre tínhamos que levar atividades para os alunos, incentivá-los a colocar a “mão na massa”, tornando as aulas mais participativas. Ela nos incentivava a participar de todas as atividades na escola, como reuniões de pais, reuniões de planejamento com os professores de outras disciplinas. Solicitava-nos a produção de materiais didáticos, planos de aula, roteiros de aulas práticas, dentre outras tarefas.

De modo geral, as duas coordenadoras do Programa, na Universidade, nos mostraram o caminho a ser seguido e algumas exigências na profissão a partir das experiências que elas possuíam e também do valor que atribuíam à educação. Deveríamos realizar os trabalhos com primor, tanto no planejamento quanto na execução, além disso, sempre ressaltavam a importância de respeitar o espaço e os sujeitos da escola.

Em relação às professoras supervisoras das escolas da educação básica com as quais tive contato, o aprendizado que elas me proporcionaram não há como mensurar. São professoras

dedicadas à profissão e me encantava a maneira como elas lidavam com os alunos e com as diversas situações, e isso significou tanto em minha formação que decidi entender como elas, ao longo da carreira, iam aumentando seu repertório de competências para continuar na profissão. Com isso elas se tornaram tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso, pois decidi pesquisar sobre como o PIBID proporcionou a estes profissionais elementos para seu desenvolvimento profissional.

Dentro do Programa, elas nos instruíam sobre como reagir às situações em que os alunos não conseguiam acompanhar o desenvolvimento dos conteúdos, nos mostrando quais estratégias seriam mais eficazes. Além disso, estas professoras nos alertavam para a importância da formação permanente dadas as demandas quanto à formação dos alunos.

Em meu caminhar no PIBID, fui, aos poucos, me reconhecendo mais como professora, afinal já estava ali no local onde realizaria futuramente a atividade docente e meu perfil de professora começava a se desenhar. Uma colega, que também fazia parte do Programa, me disse que eu era muito dura, não no sentido ruim, que eu conseguia falar as coisas e os alunos ficavam prestando atenção, que eu passava segurança em minha fala. Lembro-me que ela falou isso toda empolgada e em um tom de elogio quando estávamos numa reunião do nosso Subprojeto, decidindo sobre alguma atividade que iríamos realizar, na qual nós, bolsistas, estaríamos à frente da sala de aula e assim uma das pessoas indicadas para falar aos alunos fui eu, por ter esse perfil “duro”.

O fato é que o PIBID foi o espaço que me proporcionou aprendizagem, e ao ir a outros espaços escolares nos Estágios Supervisionados do curso, já estava familiarizada com o que ocorre, de modo geral. Mas aprendi que cada escola, por mais que tenha os mesmos objetivos em relação à aprendizagem dos alunos, é bem diferente quanto aos sujeitos e à maneira como podem ser conduzidas as aulas e outros trabalhos.

Tem escolas que você pode contar com o apoio dos gestores, tem escolas que os professores não estão mais envolvidos em suas funções por fatores diversos, tem escolas que os professores não são respeitados pelos alunos, pelos pais, pela sua própria equipe. E assim, eu, como uma professora em formação, diante de todos estes problemas, já deveria ter em mente que deveria estar preparada para as diversificadas situações, mediante a reafirmação do compromisso com a profissão a cada novo desafio, estando disposta a estar em constante formação e compreendendo que a luta pela profissionalização da docência faz parte deste conjunto complexo que é ser professor.

Além destas experiências em sala de aula, fui professora em um cursinho pré-vestibular do governo do Estado da Bahia, e o maior aprendizado que pude ter neste espaço diz respeito aos alunos. Muitos jovens, muitos adultos, muitos senhores e senhoras que estavam ali com os olhos cheios de esperança em prestar o ENEM para concluir o ensino médio, ou para chegar à universidade ou mesmo para sair de casa e ter momentos com outras pessoas e sentirem que estavam fazendo algo importante. Eu admiro muitos esses senhores e senhoras, pois, com toda dificuldade, por estarem afastados da escola há anos, nutriram esperança em dias melhores através da educação. E é importante salientar o quanto eles respeitavam a nós, professores, e nos admiravam, o que fez parte de minha maior felicidade no cursinho.

Após todos esses anos na graduação, muitas coisas aconteceram e tive contato com pessoas incríveis, como professores que, pela postura que tinham diante do conhecimento e de suas experiências, nos mostraram o que é necessário ao professor. Tive colegas de curso que estavam a postos quando as dificuldades se mostravam maiores que as soluções e quando o desânimo e o cansaço insistiam em nos fazer pensar em desistir. Assim concluí a graduação como queria, sem me atrasar por conta de disciplinas e bem ciente do que iria fazer depois da formatura.

Fiz a seleção para o mestrado em Educação em Ciências (Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências da UESC) por desejar entender mais sobre as pesquisas em ensino e como elas poderiam me ajudar e ajudar outros professores a realizarem suas atividades. Fui selecionada e tudo o que eu sabia sobre o ensino não passa de uma introdução, existe muita coisa para saber, muita coisa a ser pesquisada e muitas relações a serem tecidas para compreender como se dão os processos implicados no ensino e na aprendizagem.

Neste primeiro ano, tive um choque com tantas coisas que eu nem imaginava que existiam no campo do ensino de Ciências. Estou em contato com muitas pessoas que se dedicaram, por longos anos, e ainda se dedicam, a pesquisar e dividir seus conhecimentos com outros que têm o mesmo interesse. O que me entristece é saber que muitos destes conhecimentos produzidos nas pesquisas não estão dentro das escolas; em contrapartida, o que me motiva é já perceber que meu olhar tem se modificado, e que, cada dia, o desejo de levar todo esse aprendizado para a prática tende a aumentar.

Considerações finais

Este texto foi escrito com o propósito de relembrar fatos que foram importantes em meu processo de formação, desde a educação básica até os momentos atuais, já na Pós-Graduação. É certo que a escrita deste texto significou dar sentido a acontecimentos que, no instante em que ocorreram, não foram percebidos, no que se refere a todos os aprendizados que poderiam ter sido extraídos, mas compreendo que isso faz parte do processo de amadurecimento e desenvolvimento de todas as pessoas. Na verdade, no exercício da escrita, Nogueira e Prado (2010) sinalizam a possibilidade da descoberta de aspectos formativos no uso da reflexão.

Não foi um trabalho fácil e há tempos escrevo este pequeno texto, sempre retornando e tentando dar sentido cronológico aos fatos vivenciados e às experiências que pude ter. Se fosse retornar a ele, desde o início, teria mais o que acrescentar e mais elementos para ligar uns aos outros. Mas acredito que esse é o aprendizado maior quando se escreve: Sempre há mais a escrever e por isso considero que este memorial não está pronto, o primeiro passo apenas foi dado.

O trajeto percorrido até aqui não foi de grandes surpresas e desafios, senão aqueles mais comuns nas diferentes áreas de formação, no que diz respeito a um curso de graduação: desânimo, cansaço, falta de perspectiva futura, dentre outros. Hoje, após todo esse período em que cumpri a primeira parte de minha formação na graduação, e agora na pós-graduação, o que me inspira é me manter motivada a estar na profissão diante dos desafios que existem na atualidade em relação à docência, como as discussões sobre currículo, as rápidas transformações no conhecimento, a difusão deste conhecimento, que extrapola o espaço escolar, e ainda questões relacionadas à profissionalização docente.

A escrita deste material me proporcionou pensar sobre quais eram os compromissos, os objetivos, as crenças e valores que aqueles professores, ao exercerem a profissão de maneira plena, tinham, de modo a deixar marcas positivas em alunas como eu, a ponto de hoje ter me formado professora. Farias et al., (2011) advogam que o papel da educação é formar homens críticos e autônomos, comprometidos com o projeto de transformação da sociedade. Para tanto, ainda segundo estes autores, “os sonhos destes homens devem encontrar cumplicidade entre os educadores com quem convive ao longo de sua escolaridade” (FARIAS et al., 2011, p. 56).

O professor é um ser que se constitui socialmente, incorporando à sua identidade as marcas de todo o trajeto que compõe sua vida pessoal e profissional, e é “através da identidade

que nos percebemos, nos vemos e queremos que nos vejam” (MARCELO, 2009, p.112). Desta forma, compreendo que todos os espaços que ocupei em determinados momentos de minha trajetória de vida e que ocupo agora, todas as personagens que fizeram parte da minha história constituem minha identidade docente e, como afirma o autor supracitado, tem relação com a profissional que quero ser.

Além das questões relacionadas à identidade docente, percebo hoje, como professora, que existe a necessidade, que a cada dia está se tornando mais plena, de o professor compreender os alunos, a escola, o seu fazer, os seus saberes, a sua carreira e sua formação permanente por meio da reflexão e da investigação sobre a própria prática, tendo como base suas experiências individuais e coletivas.

Tenho plena certeza que de escolhi uma profissão difícil de ser exercida, por conta de todas as questões econômicas, políticas e sociais que giram em torno dela, porém o que me move é acreditar no desenvolvimento das pessoas pela educação, pelo conhecimento produzido e transformado na partilha e nas relações. O trabalho do professor não termina quando este deixa os muros da escola, ele tem sempre que pensar para além deles, buscando motivações onde, à primeira vista, não existe, senão no interior dos seus próprios sonhos e ideais, na crença de uma sociedade justa e igual para todos.

REFERÊNCIAS

FARIAS, I. M. S. et al. Identidade e fazer docente: aprendendo a ser e a estar na profissão. In: FARIAS, I. M. S. et al. **Didática e docência**: aprendendo a profissão. 3 ed. Brasília: Líber Livro, 2011. Cap. 2, p. 55 – 81.

MARCELO, C. Atividade docente: constantes desafios. **Formação Docente**, Belo Horizonte, v. 01, n. 01, p-109-131, ago./dez. 2009.

NOGUEIRA, E. G. D.; PRADO, G. do. V. T. Revirando quintas: em busca dos vestígios formativos. In: SILVA, V. L. G. da.; CUNHA, J. L. da (Orgs). **Práticas de formação, memória e pesquisa (auto) biográfica**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 216 p. (Série Artes de viver, conhecer e formar).



Memórias de uma professora estudante

.....
Sandra Mabel Rosa dos Santos
.....

Que professora sou eu? O que aconteceu para que eu tivesse hoje as ideias que tenho? O que, na minha história, foi formador para mim? O que me constitui como professora? Para responder a essas e outras questões, não posso deixar de citar a música Caminhos do Coração, do grande compositor e cantor Gonzaguinha, pois “Aprendi que se depende sempre de tanta, muita diferente gente, toda pessoa sempre é as marcas das lições diárias de outras tantas pessoas”, e é nessa tessitura das relações diárias que vou me constituindo como professora.

Digo vou porque esse é um processo que vem sendo tecido ao longo dos últimos 28 anos, desde a conclusão do curso de Magistério até os dias atuais e não é um processo solitário, é um processo coletivo. O meu eu professora “são as marcas das lições diárias” das pessoas com as quais convivi e convivo ao longo da minha vida pessoal e profissional. Nesse sentido, Imbernón (2011) destaca a troca de experiências entre os iguais para tornar possível a atualização em todos os campos de intervenção educativa

e aumentar a comunicação entre professores. Atuamos com os nossos pares e com eles construímos redes, parcerias, enquanto aprendemos no entrelaçamento de uns com os outros.

Durante a minha trajetória educacional informal e formal, tive exemplos de professores que marcaram minha vida de uma forma muito positiva, o que contribuiu bastante para reforçar a escolha de minha profissão. A minha identidade docente se constituiu sob esses exemplos que permearam a minha vida ao longo do tempo, mas não foram só eles. Houve novos tempos, novos espaços, novas pessoas chamadas a compor essa minha trajetória desde a formação inicial e continuada até o exercício da profissão.

Desde a infância nutria uma grande simpatia pela docência. Na minha família, até então, só havia uma professora, minha tia. Ela foi uma das pessoas que tiveram influência na minha escolha, inclusive me auxiliando na época do estágio. Observava como ela era respeitada e como todos a procuravam quando precisavam de esclarecimento sobre alguma coisa ou qualquer assunto. Até hoje somos as únicas professoras na família. Naquele tempo, na minha cidade, “ser professora” era sinônimo de respeito, dignidade, admiração, além de exemplo de pessoa bem-sucedida.

Durante os anos finais do ensino fundamental, alguns professores tentaram seduzir-me para outras áreas: um deles para a área do Direito, outro para Artes Cênicas. Ambos afirmavam que eu tinha perfil. Um considerava que era muito boa em argumentar e o outro afirmava que eu era excelente atuando nas peças teatrais que a escola organizava. Com um sorriso no rosto, eu respondia a ambos que seria professora igual a eles, competentes, atenciosos e comprometidos com uma educação de qualidade. Nada, nem ninguém, me fez desistir do meu sonho de infância, quando concluí a 8ª série já estava convicta da minha escolha, faria o Magistério.

O incentivo para cursar o ensino superior ocorreu durante o ensino médio, alguns dos meus professores estudavam na

Federação das Escolas Superiores de Ilhéus e Itabuna – FESPI e incentivavam que eu e meus colegas deveríamos fazer Faculdade. Em casa, não se falava disso, mesmo porque meus pais desconheciam esse nível de ensino. A motivação partiu realmente dos professores, de modo especial da professora Maria José, que me deu o primeiro emprego, na instituição filantrópica na qual ela era diretora, assim que concluí o Magistério.

Ao final dos anos 80, iniciei minha trajetória na educação como recreadora em uma creche e depois lecionei numa turma de 3ª série, para adolescentes e jovens em defasagem série/idade. Lembro que alguns eram até mais velhos que eu. Por vezes surgiram dificuldades, mas a professora Maria José sempre esteve ao meu lado, me orientando. Essa foi uma experiência muito boa, enriquecedora e desafiadora, pois, pela primeira vez tive contato com uma sala de aula, onde eu era a única professora da turma. Minha experiência no estágio foi com mais dois colegas, assim as coisas eram mais fáceis, tudo era compartilhado, cada um fazia uma atividade de acordo com o seu perfil.

Nos anos 90, mudei para Ilhéus/BA, em busca de trabalho e para tentar o vestibular. Depois de um mês morando na cidade, consegui uma colocação em uma escola privada. Fui contratada como assistente de sala de aula depois de participar de uma entrevista na escola. Hoje, posso afirmar que essa foi uma experiência rica e marcante em minha trajetória de vida pessoal e profissional.

Durante os seis anos que atuei nessa escola, aprendi tanto com as experiências positivas quanto com as negativas que vivenciei. Passei pelas experiências de ser assistente de professora autoritária e de professora que era amável, carinhosa e tinha autoridade com seus alunos. Trabalhava com as crianças do jardim de infância nessa oportunidade. Aos poucos fui ganhando a credibilidade da direção e dos demais atores da escola, de modo especial dos pais dos alunos (que

achavam que eu era menor de idade) e tornei-me professora substituta para os casos de licença-saúde e licença-maternidade das professoras titulares da casa.

No ano de 1994, ao mesmo tempo em que fui aprovada no vestibular, também fui aprovada no concurso público para Professor da Prefeitura Municipal de Itabuna/BA, sendo efetiva até os dias atuais. Iniciei a graduação em Pedagogia trabalhando 20 horas no turno matutino, na escola privada em Ilhéus, 20 horas no turno vespertino, no município de Itabuna, e à noite estudava na Universidade Estadual de Santa Cruz.

Permaneci trabalhando na escola particular de Ilhéus por dois anos, até ser convidada pela Secretaria de Educação de Itabuna para trabalhar no Projeto Classes de Aceleração, que estava sendo implantado no município no ano de 1996. Esse convite se deu por recomendação da supervisora da escola de Itabuna. Essa supervisora sempre foi uma forte referência para mim em termos de compromisso, competência e parceria, exemplo de como conduzir uma equipe mantendo-a motivada para o trabalho.

A escola em que trabalhava em Itabuna ficava situada numa região periférica da cidade, bairro de alto índice de violência e de miserabilidade. A experiência de atuar em polos tão diferentes, do privado ao público, da abundância à escassez de material didático (tudo que era descartado na escola privada era luxo na escola pública), dentre outras questões, me levou a processos reflexivos que começaram a mexer comigo. Ao conviver com essas duas realidades por dois anos e, ao mesmo tempo, refletir sobre a situação, pude vislumbrar o quanto meu trabalho seria útil na escola pública. Lá realmente era o meu lugar.

Paralelo a tudo isso, engajada na vida acadêmica, continuei buscando meu referencial de professor, numa tentativa de construção da minha identidade docente. Encontrei desde os altamente comprometidos aos altamente descomprometidos, dos preparados aos despreparados.

Meu objetivo sempre foi me fixar nas boas referências, e duas professoras me marcaram profundamente durante a graduação: uma exemplo de competência e compromisso, exigente, por vezes inflexível, chama-se Rita e me ensinou que não basta possuir o conhecimento, é necessário saber como fazer, ou seja, na docência a teoria deve estar atrelada à prática; a outra, amável, competente, afetiva, com ela aprendi a importância da avaliação, como, porque e para que avaliar e a importância de se estabelecer laços de afetividade com os alunos.

Por vezes todas essas referências se misturaram no meu fazer pedagógico, fui do autoritarismo inflexível ao liberalismo, condescendente, assistencialista, até entender que precisava encontrar um caminho. Cheguei à conclusão de que só a formação inicial não era o bastante para realizar um trabalho como almejava, sentia que faltava algo, que era necessário continuar a minha formação, seguir em frente.

Na década de 1990, o curso de Pedagogia possuía habilitações em Supervisão, Orientação e Direção, e após a conclusão, a pessoa estaria apta a exercer uma dessas funções dentro da escola, além de lecionar. Eu fiz a opção pela Orientação. Após a conclusão do curso, fui convidada pela Secretaria Municipal de Educação de Itabuna a assumir o Serviço de Orientação Escolar, em outra escola, situada em um bairro de alta periculosidade e de difícil acesso. Aceitei mais esse desafio, queria testar os conhecimentos adquiridos durante a graduação.

Atuei com carga horária de vinte horas semanais no Serviço de Orientação Escolar e as outras vinte horas em sala de aula na mesma escola. Aprendi com essa experiência que não é nada fácil e confortável atuar ao mesmo tempo em funções diversas dentro do espaço escolar, mas também aprendi como é importante o papel do Orientador Educacional dentro da escola.

Ao desenvolver as atividades de Orientação, eu era a responsável pela inserção da família na escola, fazendo com que

ela participasse do seu dia a dia, acompanhando o desenvolvimento dos seus filhos; também fazia atendimento aos alunos com desvio comportamental, além de cuidar das relações interpessoais dentro do espaço escolar.

Considero que, entre erros e acertos, a experiência, embora não tenha sido nada fácil, foi muito produtiva e rica para o meu entendimento sobre a função. Hoje vejo que naquele período fui uma Orientadora de perfil assistencialista, pois me envolvia demais com os problemas apresentados pelas famílias e suas crianças, problemas esses que a teoria adquirida na universidade não conseguia resolver. Os problemas apresentados, tanto pelas crianças quanto por suas famílias, iam desde passar fome até o abuso sexual.

No exercício da Orientação, por não ter o devido apoio do município no sentido de possuir uma política de programas sociais para encaminhar as famílias que sofriam com os problemas supracitados, sentia-me impotente, indignada e, muitas vezes, desestimulada. Nestes momentos, era arrebatada pelos sentimentos de compaixão e solidariedade, e fazia, dentro das minhas limitações teóricas e financeiras, o que estivesse ao meu alcance para minimizar as dores daquelas famílias.

No último ano, antes de concluir a graduação em 1998, participei de um processo seletivo para uma especialização em Administração da Educação: Gestão Participativa ofertado pela Universidade Estadual de Santa Cruz. Fui aprovada na seleção e fiz o curso durante dois anos, concomitante ao trabalho. Foram dois anos intensivos, de muito aprendizado, talvez até mais do que o aprendizado adquirido em toda a graduação. O curso me deu uma visão ampla da escola, de como gerir, seja na sala de aula, na orientação, na direção, de forma democrática, promovendo a participação de toda a comunidade escolar.

Após ter concluído a especialização em Administração da Educação: Gestão Participativa, fui novamente convidada, pela Secretaria da Educação do Município de Itabuna, a assumir o

cargo de Direção numa escola no centro da cidade. Essa experiência parecia a mim que seria a mais desafiadora de todas que já tinha vivenciado, e, de fato, foi. Estar diretora em uma escola do município de Itabuna, morando em Ilhéus, e ao mesmo tempo tendo que acompanhar minha mãe no tratamento contra o câncer de mama, não foi nada fácil. Mas vencemos: eu, o desafio, e ela, o câncer.

Algo que hoje compreendo como tendo sido quase que basilar em minha trajetória formativa foi a experiência de estar diretora. Mesmo com todos os problemas que tive de superar ao exercer minhas funções na direção, foi um dos espaços pelos quais passei na educação com o qual mais me identifiquei. Posso dizer que foi a função que até os dias de hoje mais me humanizou, e a que mais ensinou sobre educação. Tal função nos permite uma visão de todo o complexo que é uma escola.

Olhando para trás, a partir da formação inicial, vejo que diferente de muitos colegas, não vivenciei o momento de transição de estudante a docente, tudo ocorreu simultaneamente, o que evitou o chamado “choque de realidade”, que muitos estudantes vivenciam ao serem inseridos na carreira docente. Para Carlos Marcelo e Vaillant (2012), o período de inserção é um período diferenciado no caminho de transformação de um docente, pois é nesse período que ele vai aprender a ser professor, se constituindo com seus pares e no fazer diário do ofício.

Outra experiência importante na minha carreira foi a de formadora de alfabetizadores que atuavam no Programa Todos pela Alfabetização – TOPA, do governo do Estado da Bahia, programa criado com o objetivo de alfabetizar mais de um milhão de pessoas. A formação dos alfabetizadores era feita pela Universidade Estadual de Santa Cruz, em cinco Diretorias Regionais de Educação do Estado da Bahia. A Universidade abria processo seletivo para contratar os professores formadores. Participei do processo seletivo e atuei como formadora durante quatro anos.

Não posso deixar de registrar a experiência na Educação Superior, numa Faculdade privada, no curso de Serviço Social, com a disciplina Políticas de Educação. Durante essa experiência realizei um trabalho de campo com os alunos dentro das escolas dos municípios de Itabuna e Ilhéus, local onde eles deveriam identificar as expressões da questão social que permeavam esse ambiente. O resultado foi produtivo no sentido de que eles perceberam que a escola é um campo vasto para a realização do trabalho do Assistente Social.

Após vivenciar a docência na educação superior numa instituição privada, participei de seleções para atuar na docência em duas universidades públicas, por meio do Plano Nacional de Formação de Professores – PARFOR, nas Universidades Estaduais do Sudoeste da Bahia – UESB e Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. Fui aprovada e atuei nas duas, ora em uma, ora em outra. Atuo na UESC até os dias de hoje. Trabalho gratificante, com professores que fazem primeira licenciatura em Pedagogia e atuam na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, muitos em final de carreira, mas em busca de melhoria da sua prática.

O trabalho na educação superior veio confirmar, em mim, o sentimento de vastidão e do quão ilimitado é o conhecimento, me mostrou que eu precisava seguir em frente na minha formação continuada. Segundo Cochran-Smith e Lytle (1999, p. 250), “[...] os professores aprendem quando geram conhecimento de prática local, trabalhando dentro dos contextos de comunidades de investigação para teorizar e construir o seu trabalho e para conectá-lo com questões sociais, culturais e políticas mais amplas.” Dessa forma, foi o exercício da profissão, atuando nos diferentes espaços, que me impulsionou a ir em busca de mais conhecimento.

E aqui estou eu, no Mestrado de Educação em Ciências, em busca desse vasto e ilimitado conhecimento, após dezesseis anos afastada da academia. Confesso que não foi fácil, foram quatro tentativas em três das universidades estaduais da Bahia.

O processo seletivo é difícil e excludente por não ter vagas para todos que desejam, a concorrência é grande. Mas finalmente eu consegui. Estar no mestrado tem sido um misto de prazer, dor, angústia, busca, reflexão, descobertas e aquisição de muito conhecimento. Chegar aqui representa a realização de um sonho adiado por dezesseis anos, que se concretiza a cada dia desde que comecei a cursar.

Após 28 anos de pleno exercício da profissão, passando por vários lugares, desde a sala de aula, a orientação, a direção, a atuação em órgãos centrais nas Secretarias de Educação Municipal e Estadual e a coordenação pedagógica, hoje vejo que tudo teve um sentido. O sentido de amadurecer e aprender com a carreira, chegando à conclusão de que todas as pessoas deveriam atuar nos diferentes locais da educação. Passar pela experiência de estar nas diversas funções dentro da escola e nos diversos setores da educação, permite uma visão completa e abrangente da complexidade que é a educação, o que exige muita disposição, mas que é, sem dúvida, muito válida.

Das vivências nos órgãos centrais, Secretaria Municipal e Estadual de Educação, tenho a dizer que foram válidas, proveitosas e de muito aprendizado, pois permitiram uma visão ampla, abrangente da educação. Mas posso dizer que este é um lugar que não pretendo visitar. A falta de autonomia para o trabalho, as limitações impostas pelos governos impedem a realização de um bom trabalho. Entendi que sou muito mais útil para a educação estando dentro da escola.

Um aspecto a ser considerado nessa minha trajetória profissional é que as experiências pelas quais passei dentro da educação foram estritamente por meio de concurso e seleção, os cargos que ocupei foram a convite, e isso revela a valorização e o reconhecimento do trabalho realizado ao longo dos anos, ganhando a credibilidade e o respeito das pessoas.

Parafraseando Gonzaguinha, “é tão bonito quando a gente entende / Que a gente é tanta gente, / Onde quer que a

gente vá, E é tão bonito quando a gente sente, / Que nunca está sozinho, / Por mais que a gente pense estar”, e é assim que me constituo professora a cada dia, sou aquela que tem orgulho da profissão que escolheu, e as ideias que tenho são fruto de minha formação, fruto de meu estar e ser com o outro.

Concordo com Imbernón (2011) que, ao definir um dos eixos importantes da formação do professor, destaca “A reflexão prático-teórica sobre a própria prática mediante a análise, a compreensão, a interpretação e a intervenção sobre a realidade” (IMBERNÓN, 2011, p. 50). Hoje posso afirmar que tenho consciência que refletir sobre as experiências negativas e as experiências positivas vivenciadas ao longo desses 28 anos contribuiu para a formação da professora que sou hoje.

Concluo dizendo que apesar de todos os percalços da profissão, que vão desde as precárias condições de trabalho até a desvalorização do professor, sinto-me feliz com o que faço, continuarei buscando a melhoria da minha prática pedagógica engajada nas lutas por uma educação melhor, pois, como diz Raul Seixas, “Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo”. É nessa singular tessitura de autoconhecimento que sigo com a certeza de que componho a minha própria história, sou autora e atriz protagonista da minha trajetória de vida pessoal e profissional, buscando a cada dia ter uma postura crítica, reflexiva diante da profissão e como consequência vejo a emancipação da minha identidade docente.

REFERÊNCIAS

CARLOS MARCELO; VAILLANT, D. **Ensinando a ensinar**: As quatro etapas de uma aprendizagem. Curitiba: Ed. UTFPR, 2012.

COCHRAN-SMITH, M.; LYTTLE, S. L. Relationships of Knowledge and Practice: Teacher Learning in Communities. **Review of research in education**, v. 24, n. 249, p. 248-305, 1999.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional**: formar-se para a mudança e a incerteza. Cap. 7, 9^a Ed., São Paulo: Cortez, 2011.



A descoberta de uma profissão apaixonante: narrativa autobiográfica de uma jovem professora

.....
Thaís Barbosa Moura
.....

Ao longo de cinco anos de docência, experimentei diversas situações que me fizeram ir de um extremo a outro, do odiar ao amar a profissão que nem sei se eu a escolhi ou ela me escolheu. Começarei minhas reflexões enfatizando a importância das narrativas autobiográficas para o desenvolvimento da reflexão na trajetória do professor, uma vez que escrever esse memorial, esse processo reflexivo, foi muito forte para minha formação, tanto pessoal como profissional.

Segundo Reis (2008), as narrativas possibilitam uma reflexão acerca dos momentos complexos vividos pelo homem e contribuem para sua convivência individual e coletiva, buscando superar os desafios impostos pela sociedade.

Ao rememorar sua trajetória, o narrador revive situações significativas, de forma reflexiva, o que proporciona um movimento interno de autoconhecimento. Essas narrativas têm sido

utilizadas em pesquisa de formação de professores “[...] por proporcionar aos narradores a compreensão do sentido e de suas histórias de vida pessoal e profissional” (BRITO, 2010, p. 1).

Reis (2008) considera que as narrativas escritas por docentes com experiência podem ser uma fonte de conhecimento e até mesmo de estímulo para os docentes que, ao lerem seus próprios textos, são levados a refletir sobre sua vida e sua própria prática. A história de vida permite refletir a própria vida com base nas narrativas da história de vida de outrem (BRAGANÇA, 2010).

Nesse sentido, contarei um pouco da minha trajetória rumo à profissão que finalmente, diante das reflexões feitas nessa escrita, conclui que me escolheu para fazer dela o que acredito: Caminho para libertação de consciências.

No meio do caminho tem sempre pedras

Iniciei minha vida na docência logo que concluí minha formação inicial em Licenciatura em Ciências Biológicas. A escolha pelo curso se deu por incentivo de um professor de Biologia do cursinho pré-vestibular, uma vez que já tinha estudado muito Biologia para tentar o curso que pretendia, duas vezes sem êxito, Enfermagem. A escolha pela Enfermagem se deu por influência familiar, pois minha mãe sempre foi técnica em Enfermagem, minha irmã estava fazendo um curso na área e projetaram para mim a profissão de Enfermeira Chefe-Padrão, como falava minha mãe, “Alguém que pudesse mandar e não ser mandada”.

Santos (2005) pontua que a família é o principal motivo dos sucessos e decepções dos adolescentes. A família cria expectativas sobre o futuro dos filhos, influenciando-os fortemente em suas escolhas, seja profissional, social ou até mesmo religiosa. As escolhas familiares são, sem dúvida, grande referência para a vida dos adolescentes.

Mas, resolvi optar por Biologia em um curso de licenciatura tanto por ser um curso menos concorrido, quanto pela possibilidade de atuar como professora enquanto me especializaria para atuar como bióloga, como tinha dito o meu professor-incentivador. Nacarato (2010) ressalta que os professores exercem grande influência na escolha profissional de seus alunos, uma vez que os alunos passam muito tempo em contato direto com a escola e isso é considerado processo formativo para os mesmos, além dos modelos de docente que os alunos vão assimilando durante sua vida escolar e utilizam para sua prática.

A princípio, como todas as vinte colegas de turma, não tinha intenção nenhuma de ministrar aulas, pois o que eu queria mesmo era ser bióloga, cuidar dos bichos e das plantas. À medida que o curso ia se desenvolvendo, eu acabava excluindo as áreas de atuação com as quais não me identificava. Por fim, me identifiquei com a microbiologia, confesso que sempre me interessei pelo oculto, desconhecido, algo que pudesse ser visto apenas pelo microscópio. Ah! Microscópio! Aparelho que até hoje me encanta.

Não posso deixar de relatar as duas experiências gestacionais que vivi durante o curso. Logo no final do primeiro semestre, descobri que estava grávida. Esse fato me deixou extremamente triste, depressiva, posso dizer. Aquela gravidez, naquele momento, me remetia à desistência de todos os meus planos enquanto profissional que almejava ser. Para completar minha angústia, estava grávida de gêmeos! Depois do desespero, fui conseguindo administrar minhas cansativas horas de estudo e os cuidados com a minha saúde e a dos meus filhos.

Confesso que isso fez uma grande diferença em mim, em meus planos, em minha vida acadêmica e, posteriormente, no meu eu profissional, já que o sentido que dou à minha prática, também parte do meu instinto materno. Um ano após, engravidei novamente, outro grande susto e mais uma vez estava vendo meus objetivos irem por água abaixo.

Mas tudo foi se desenvolvendo de forma sacrificial, porém, valorosa, pois, afinal de contas, não há vitória sem luta.

Quando tudo começou de fato!

A minha primeira experiência profissional se deu numa escola privada, por indicação de uma amiga que estava se afastando para o mestrado. Experiência frustrante, a princípio, pois todos os meus medos se faziam presentes naquele momento de forma muito evidente e acentuada. Fui regente de uma turma de 6º ano, com 40 alunos, e outra de 7º ano, com 30 alunos. Os alunos apresentavam um perfil agitado, eram exigentes e isso me incomodava muito.

Porém, lembrando hoje daquele momento, consigo perceber que contribuiu para que eu me constituísse a professora que sou hoje, desde as exigências burocráticas de uma escola, como planejamento, planos de curso, aulas diversificadas, até mesmo a minha postura de profissional que começava a se constituir naquele instante de minha vida. Mas, naquele momento, só desejava que o ano letivo acabasse o quanto antes para eu me ver livre daquela escola, daqueles colegas e mais ainda daqueles alunos.

Nacarato (2010) enfatiza que os primeiros anos da docência se configuram como o momento em que os docentes estão inseguros e com dificuldades para se inserir no meio escolar, uma vez que chegam à escola com muitas ideias e muitas vezes não encontram apoio no grupo para executá-las.

Logo em seguida fui convidada a dar aulas numa outra instituição privada, mas para trabalhar com Educação de Jovens e adultos (EJA). Aquele foi o acontecimento marcante em minha vida profissional e eu conseguia ver resultados positivos do meu trabalho na vida daquelas pessoas. Os alunos iam se deslumbrando com o conhecimento e, assim, eu ia me motivando cada vez mais para ser professora, aliás, naquele momento já

começava a me constituir como uma educadora. Pronto, me apaixonei pela minha profissão.

A partir daí fui sentindo necessidade de mais conhecimentos específicos em minha área de atuação para um melhor fazer pedagógico. Busquei dar continuidade à minha formação e cursei uma Especialização em Metodologia do Ensino de Biologia na modalidade a distância. Neste mesmo período fui aprovada em um concurso público municipal no interior da Bahia e comecei a trabalhar numa escola do campo, outro acontecimento que marca minha vida profissional.

Nessa escola tive contato com alunos com necessidades educativas especiais e me vi mais uma vez de mãos atadas. Tinha que fazer algo por aquelas pessoas, não podia contribuir com a segregação delas! Fiz uma seleção para pós-graduação em Educação Inclusiva e fui aprovada. Busquei conhecimento, por conta própria, sem apoio nenhum da Secretaria Municipal de Educação, muitas vezes pagando para ir aos encontros da pós-graduação por não ser liberada para me aperfeiçoar, como está escrito em meu plano de carreira.

A busca pela profissionalização docente

Recordo-me que mesmo tendo feito, logo após a formação inicial, uma formação continuada na modalidade a distância em Metodologia do Ensino de Biologia, minhas angústias permaneceram. Com isso, senti a necessidade de buscar conhecimentos teóricos, fazer reflexões sobre minha prática de forma direcionada e orientada.

Assim, busquei fazer outras especializações em busca de preencher as lacunas que consegui ir reconhecendo durante esses anos de atuação na educação básica. Por mais que a Secretaria de Educação detecte as necessidades no processo de ensino e aprendizagem e na formação do professor,

não toma nenhuma posição para tentar amenizar as questões levantadas pelos próprios professores.

Mais uma vez, senti que ainda faltava algo para minha profissionalização e tentei a seleção do mestrado acadêmico em Educação em Ciências, e passei depois de duas tentativas frustradas. Aquela oportunidade me fez desconstruir e reconstruir muitas questões que pensava já estarem consolidadas em mim, enquanto professora. À medida que o primeiro semestre passava, a agonia aumentava, pois trabalhar sessenta horas fazendo um mestrado acadêmico não estava sendo fácil.

Houve um período em que foi muito complicado conciliar toda a demanda do mestrado com as exigências de uma vida lá fora que continuava a correr. Naqueles momentos, notava que muitas coisas iam se perdendo, se afastando de mim, como, por exemplo, a relação com meus filhos e meu marido se alterava. Minha prática na escola não era mais a mesma, pois o meu foco teria que ser no mestrado, o sonho realizado.

Posso assegurar que o que me traz de volta à academia, apesar de nunca ter me sentido fora dela, é a busca pelos suportes teóricos que possam me ajudar a construir as respostas de que necessito. Hoje não busco mais apenas formação voltada para metodologias em sala de aula, busco compreender o que de fato é ser professor e qual o meu papel na sociedade.

Com minha volta à academia, através do mestrado, tive a oportunidade de refletir sobre questões relacionadas à formação do professor, numa disciplina que me possibilitou uma imensa desconstrução de concepções acerca do papel do docente e ao mesmo tempo fui reconstruindo outros aspectos baseados em teorias nas quais eu buscava suporte. Essa disciplina, para mim, fez toda diferença em minha profissionalização.

Na verdade, conceitos de profissionalização, de formação continuada, de saberes necessários à prática docente me foram apresentados e me fizeram perceber alguns equívocos, mas,

também, alguns caminhos certos que, intuitivamente, seguia até então em minha trajetória profissional.

Assim, fui tendo a oportunidade de compreender o que era ser um professor-pesquisador, me fazendo, inclusive, voltar a algumas situações e perceber que eu, professora da educação básica, estava sendo também uma pesquisadora no meu cotidiano escolar. Reconheci-me como professora-pesquisadora, uma vez que, ao detectar problemas no ambiente escolar, tentava resolver, e buscava sempre o conhecimento que me possibilitasse sanar minhas necessidades, me sentir útil naquele espaço. Posso afirmar que isso me fez refletir acerca das possibilidades que minha profissão permite, trazendo benefícios para mim e para meus alunos, na verdade, para toda a comunidade escolar.

A minha pesquisa também tem contribuído para ressignificar minha prática, uma vez que procuro responder uma pergunta que parte de mim, de minha vivência e, mais ainda, de minha angústia em ser professora responsável pela construção do conhecimento dos meus alunos, sem ter, muitas vezes, alguns saberes necessários a essa prática eficiente e eficaz para mim e para meus pares.

Nesse sentido, quando concluir esse mestrado, posso assegurar que serei outra professora, alguém que possa levantar problemas e conseguir mediá-los para a resolução possível deles. Além disso, a base teórica que moveu minha busca está se consolidando, o que para mim acontecerá quando eu conseguir fazer as tessituras precisas dos conhecimentos adquiridos no mestrado e a partir da reflexão sobre minha prática pedagógica.

Hoje posso afirmar com propriedade que sou realizada no que faço. Como costumo dizer sempre: Sou professora porque gosto! Compreendo que toda minha história me constituiu e colaborou para eu ser quem eu sou enquanto pessoa e profissional. O que mais me constitui como professora é a minha busca incessante em conhecer para melhor atuar naquilo que eu acredito ser o caminho libertador de consciências: EDUCAÇÃO.

REFERÊNCIAS

BRAGANÇA, I. F. S. História de vida e formação de professores (as): narrativa autobiográfica de caminhos trilhados na pesquisa. In: MORAES, D. Z. e LUGLI, R. S. G. (Orgs). **Docência, pesquisa e aprendizagem**: (auto) biografias como espaço de formação/investigação. São Paulo: Cultura Acadêmica. 2010. 208 p. (Séries Artes de viver, conhecer e formar).

BRITO, A.E. Narrativa escrita na interface com a pesquisa e formação de professores. In: MORAES, D. Z. e LUGLI, R. S. G. (Orgs). **Docência, pesquisa e aprendizagem**: (auto) biografias como espaço de formação/investigação. São Paulo: Cultura Acadêmica. 2010. 208 p. (Séries Artes de viver, conhecer e formar).

NACARATO, A.M. Narrativas (auto) biográficas: Artes de conhecer como professores de matemática se constituem profissionalmente. In: SILVA, V.L. G. e CUNHA, J. L. (Orgs). **Práticas de formação, memória e pesquisa (auto) biográfica**. São Paulo: Cultura Acadêmica. 2010. 216 p. (Séries Artes de viver, conhecer e formar).

REIS, P.R. As narrativas na formação de professores e na investigação na educação. **Nuances**: Estudos sobre a educação. Presidente Prudente. São Paulo, 2008. v. 15. n. 16. p. 17-34. Disponível em <http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/174/244>. Acesso em: 12 out. 2016.

SANTOS, L. M. M. dos. O papel da família e dos pares na escolha profissional. **Psicologia em estudo**. Maringá. v. 10. n. 1. p. 57-66. jan/abril. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/pe/v10n1/v10n1a07.pdf>. Acesso em: 12 out. 2016.



Memórias de um professor: em tempo presente, um olhar para o passado

.....
Wanderson Farias da Silva Alves
.....

Resumo

As palavras que se entrelaçam para dar corpo a essa produção textual comunicam os sentidos atribuídos, por um professor, às memórias que o constituem. No tempo presente, no espaço de um mestrado acadêmico em Educação em Ciências, trata-se de uma narrativa (auto)biográfica apresentada em forma de memorial. Busca-se, ao longo dessa produção, uma articulação das memórias que constituem a identidade docente com um movimento de reflexão e (re)significação de eventos passados.

Apresentação

Olhar para o passado e refletir sobre o que me foi formativo, o que constitui minha identidade docente e marca minha

singularidade enquanto professor, faz-se como um movimento de reflexão, crítica e (re)significação dos saberes produzidos em experiências vividas, tanto no âmbito pessoal como profissional.

No espaço e tempo de um mestrado acadêmico em Educação em Ciências, a presente produção textual se apresenta como um memorial sobre forma de narrativa, requisito avaliativo da disciplina “*Narrativas (auto)biográficas: memórias, reflexões e formação docente*”.

Busca-se, por meio desse memorial, tomar a própria história de vida como objeto de reflexão e documentá-la por escrito, de forma a articular as memórias resgatadas às compreensões que se tem sobre os processos de ensino, a formação do professor e os propósitos da educação escolar.

As seguintes indagações orientaram a narrativa: O que aconteceu para que eu tivesse hoje as ideias que tenho? O que, na minha história, foi formador para mim? O que me constitui como professor?

O memorial produzido é apresentado em três recortes temporais: brincadeira de criança, trajetória escolar e percurso acadêmico e formação docente. Os recortes são formados por memórias oriundas de eventos passados e representam uma parte do conjunto de elementos que constituem a identidade profissional do professor que o traz para compor este memorial.

Brincadeira de criança

Refletir sobre o “eu professor”, resgatar cenas de memória vividas e (re)pensá-las com as ideias que tenho hoje, faz-se como uma viagem em uma linha do tempo que começa na infância e se estende aos espaços que vivencio em tempo presente.

Acredito não ter sido a única criança a brincar de escolinha e anos mais tarde optar pela docência enquanto carreira profissional. Hoje, de forma crítico-reflexiva, olho para o passado e

lembro-me como eu brincava de ser professor. Oito a nove anos de idade e lá estava eu.

Não foi preciso que me dissessem que as cadeiras dos alunos deveriam estar enfileiradas, que a mesa do professor deveria estar à frente e que a caneta com a qual eu corrigiria as atividades deveria ser de tinta vermelha. Se os alunos conversassem durante a aula, nomes no quadro e já para a secretaria!

Eu sabia fazer chamada. Escrevia nomes em um papel e se os alunos estivessem presentes eu colocava um pontinho ao lado do nome. A melhor parte era corrigir as atividades. Gostava de riscar qualquer tipo de papel como se fossem atividades a serem corrigidas. Eu adorava brincar de escolinha! Quando brincava com outros amigos, eu era o professor! Reproduzia as imagens que tinha sobre ser um “bom professor”. Um professor do qual o aluno tem medo e assim se cala durante a aula. “Professor bom” é professor em que a matéria ensinada é tão difícil que o aluno só tira nota baixa e dada com caneta vermelha. Hoje, com as ideias que tenho, penso: Por que eu era aquele professor? Por que a caneta vermelha, as notas baixas e o autoritarismo?

Hoje, ao refletir sobre o passado, percebo como aquela brincadeira de criança reproduzia as salas de aula pelas quais passei e como essas experiências foram moldando minhas concepções sobre o ensino, sobre o ser professor e sobre a escola. Compreendo que a forma como eu idealizava a profissão docente e os seus propósitos se relaciona com as experiências vivenciadas enquanto aluno nos espaços da educação escolar infantil.

Trajetória escolar

Meu interesse pela docência, em um tempo distante das brincadeiras de criança, se consolidou a partir das experiências que vivenciei enquanto aluno no Instituto Federal da Bahia,

campus Porto Seguro. Eu era fascinado pela instituição e pelo reconhecimento que os professores tinham naquele espaço. Era uma escola com laboratórios de Ciências, salas climatizadas, alunos dedicados aos estudos, e os professores que ensinavam as disciplinas de sua formação específica eram todos capacitados em cursos de mestrado ou doutorado.

Nenhuma escola pela qual antes passei enquanto aluno se mostrava tão fascinante. Durante o curso técnico em alimentos, o interesse pela docência foi inspirado também por professores cuja atuação eu admirava. Uma professora de Química, que despertou em mim o interesse por tal área da Ciência, e uma professora de Sociologia, que me fez buscar na licenciatura um sentido para ensinar. Eu não gostava de estudar Sociologia e um dia quando eu estava em dúvida para optar entre o bacharelado ou a licenciatura em Química, em uma dessas conversas de corredor, estabelecemos o seguinte diálogo:

– Professora, para que preciso da Sociologia em minha vida? Se eu vou estudar Química, não precisarei estudar Sociologia.

– Bom, se você pretende passar o resto da sua vida preso em um laboratório com seu tubo de ensaio, você não precisará estudar Sociologia. Mas se você pretende viver em sociedade, comunicar os resultados de sua pesquisa ou atuar como professor, você precisará da Sociologia, sim.

Dentre tantos outros fatores que me fizeram optar pela docência, naquele diálogo eu entendi que apenas com o conhecimento científico da Química eu não me tornaria o profissional que almejava ser. Optei então por cursar Licenciatura em Química para obter conhecimentos também sobre a docência e no futuro retornar ao Instituto como professor. Antes de terminar o curso técnico em alimentos, em 2010 ingressei no curso de Licenciatura em Química da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Percurso acadêmico e atuação docente

Após ingressar na Universidade, o que se via era um jovem de 20 anos com sonhos, paixão por Química e uma curiosidade que impulsionava a busca por “ferramentas para o ensino”. Logo no primeiro semestre do curso, meu interesse pela pesquisa em Química era maior que pelo exercício da docência.

A docência que me era apresentada se mostrava como um trabalho fácil e que eu já sabia como fazer. A minha ideia de saber fazer talvez fosse movida pelos dezoito anos de formação pré-profissional, período no qual experienciei a sala de aula enquanto aluno. Eu não gostava das disciplinas pedagógicas, pois desconhecía sua relevância para minha formação, e os textos trabalhados naquele espaço pouco conversavam com meus interesses.

Durante o segundo semestre da graduação, esse cenário começou a mudar. Ao mesmo tempo em que eu cursava uma disciplina de Psicologia em Educação, atribuía sentido aos conhecimentos sobre a docência que antes, em nenhum outro espaço, não tinham sido postos à reflexão. Os sentidos atribuídos por mim às teorias de aprendizagem relacionavam-se diretamente com experiências vividas que, enquanto aluno, marcaram momentos de “sucesso” ou de “fracasso” escolar.

Tomando a memória como objeto de reflexão e motivado por uma necessidade de superação dos obstáculos presentes em meu próprio processo de aprendizagem, de forma consciente, idealizava, naquele espaço, que tipo de professor eu gostaria de ser. Alguns meses depois, ainda que muito cedo, minha formação profissional se entrelaçava com o exercício da docência.

Contratado após concurso público, ainda estudante de Licenciatura em Química, comecei a lecionar no quarto semestre do curso de graduação. Atuava como professor de Química no Colégio Estadual Pedro Calmon, uma escola da rede pública do estado da Bahia situada na cidade de Amargosa. Foi no espaço da sala de aula que, concomitante aos

espaços formativos do curso de licenciatura, pus em xeque minhas imagens, crenças e concepções sobre a docência.

Cada dia na sala de aula era uma experiência nova, um desafio. Atuava enquanto professor regente ao mesmo tempo em que era aluno de estágio em outra escola. Na medida em que descobria a sala de aula, eu compartilhava as experiências vivenciadas com os professores e colegas de turma da universidade. No início da docência, eu era o tipo de professor sonhador a quem os professores mais antigos da escola diziam: “Calma! Você está chegando agora, está cheio de gás! Daqui a alguns meses a gente conversa!” Hoje penso ainda ser aquele professor sonhador, porém mais experiente.

Experienciar uma formação na intersecção entres os espaços da universidade e da escola foi uma experiência interessante e me fez refletir sobre ambos enquanto espaços de formação de professores. Na universidade os dias passavam mais rápido, era onde eu adquiria e aprofundava conhecimentos disciplinares.

No chão da escola, as horas passavam mais devagar; os saberes ali adquiridos/produzidos eram oriundos do exercício da docência e dos diálogos possibilitados com os alunos, com os outros atores da escola, com a comunidade. Fui aluno de estágio ao mesmo tempo em que também era professor supervisor. Fui bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, objeto de estudo e também pesquisador. Relembrar as experiências vivenciadas durante esse momento de formação inicial e contínua ainda hoje me faz produzir novos saberes.

No início da docência, o choque de realidade também veio! Causavam-me desestímulo as condições de trabalho dos professores: baixos salários. Dos professores contratados, carga horária de trabalho em sala de aula elevada, salas cheias de alunos e pouco incentivo às práticas de ensino com caráter inovador. Não desanimei! Nem sequer tinha concluído o curso de licenciatura e já desanimaria com a docência? Não! Na medida em que era

possível, eu fazia do meu ambiente de trabalho o mais agradável possível. Eu era amigo dos alunos e colegas professores, era admirado por minha persistência e trabalho desenvolvido.

Aprendi, naquele espaço, que a docência vai além de um simples domínio de conteúdo e orientações didático-pedagógicas. É preciso vivenciar a sala de aula em sua multiplicidade, conhecer os seus alunos, se possível um pouquinho da história de cada um. O ensino e a aprendizagem são processos que se complementam, que ocorrem por meio de interações sociais e que marcam a vida das pessoas que passam pelo espaço/tempo da sala de aula. Ensinar é aprender.

Ao longo de quatro anos de experiência com a docência, nenhum de meus dias foi igual ao anterior. A cada dia eu era um novo professor, uma vez que o tempo e as experiências com a docência me permitiram ressignificar os saberes adquiridos ao longo da vida. Atuei como servidor público exercendo a docência em instituições de ensino na rede estadual, federal e também na rede privada. Os saberes que hoje me constituem, as ideias que tenho, o profissional que sou, são marcas da criança que brincava de escolinha, do estudante que se admirava com o instituto federal, do professor que iniciava a carreira docente antes mesmo de se formar em um curso de licenciatura, dos diálogos que (des)construíram o professor que fui.

Identidade e saberes da docência: reflexões a partir de uma análise autobiográfica

Quando uma pessoa relata os fatos vividos por ela mesma, percebe-se que reconstrói a trajetória percorrida dando-lhe novos significados. Assim, a narrativa não é a verdade literal dos fatos, mas, antes, é a representação que deles faz o sujeito e, dessa forma, pode ser transformadora da própria realidade (CUNHA, 1997, p. 187).

Hoje, professor da educação básica e estudante do curso de mestrado acadêmico em Educação em Ciências da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), olhar para o passado e autobiografar experiências vividas em diferentes tempos e espaços por meio de narrativas é tomar minha própria história como objeto de reflexão e (re)descobrir o que, ao longo do tempo, me foi formativo e constitui minha identidade docente.

Para autores como Farias et al. (2011) e Pimenta (2012), a identidade docente não é algo imutável ou que possa ser adquirido externamente a qualquer momento da vida do sujeito professor, mas sim um processo sócio-histórico de construção vinculado à humanização do homem e, portanto, produto das múltiplas experiências de vida do sujeito, tanto pessoal como profissional. Com base nesses pressupostos, Farias et al. (2011) argumentam que a identidade docente é produto das relações que o sujeito estabelece com o mundo físico e social e apontam a história de vida do professor, sua formação e prática pedagógica como elementos identitários da docência.

Ao compreender que as ideias que tenho hoje são fruto das mais diversas experiências vividas no passado, entendo como cada sala de aula que vivenciei, enquanto aluno ou professor, influencia no meu modo de ser e estar na profissão, ou seja, na constituição de minha identidade profissional e nos saberes que orientam minha atuação docente.

Refletir sobre a natureza dos saberes da docência me faz compreender porque uma criança, com pouco mais de seis anos de idade, ao brincar de escolinha, reproduz tão bem um determinado modelo de professor; porque o estudante de licenciatura, antes mesmo de ingressar na universidade, acha que sabe dar aula e não atribui a devida relevância aos saberes pedagógicos; porque me parece ser tão difícil atribuir um sentido próprio a esses saberes que são adquiridos ao longo de uma história de vida.

Compartilho das ideias de Tardif (2012) quando o autor reconhece o saber dos professores como um saber social, por ser

adquirido em um espaço de socialização profissional; temporal, por se situar em um determinado contexto histórico-cultural, e diverso, no sentido de ser plural, proveniente de diversas fontes.

Envolver-me no movimento de narrar minha própria história, autobiografar por meio de uma narrativa sob forma de memorial, traz contribuições para minha formação docente, uma vez que os saberes que trago ao longo de uma história de vida são postos à reflexão e crítica sobre “que professor sou eu”, “o que me forma?”, e o autorrever-se oportuniza uma (re)significação de minha constituição identitária.

REFERÊNCIAS

CUNHA, M. I. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v.23, n.1-2, p.185-195, jan. 1997.

FARIAS et al. **Didática e docência**: aprendendo a profissão. 3. ed. Brasília: Liber Livro, 2011.

PIMENTA, S. G. **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.



IMPrensa UNIVERSITÁRIA

IMPRESSO NA GRÁFICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ - ILHÉUS-BA